

Ministério

MAI-JUN • 2020

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 16,28



MAIS DO QUE TALENTO

As qualidades do líder movido pelo Espírito

O poder transformador da pregação narrativa + Cinco aspectos para o crescimento espiritual

Proposta prática para evangelização urbana + A Bíblia e a Terra plana + Fortaleça o relacionamento com seus filhos

Conheça os caminhos certos
para compreender a mensagem
da Palavra de Deus



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/cpbeditora

Baixe o
aplicativo
CPB



Ministério



10



21

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 27 Lições de vida
- 32 Dicas de leitura
- 34 Reflexão
- 35 Palavra final



28

10 Liderança com poder
Marcos De Benedicto
 Os hábitos do líder movido pelo Espírito

14 A Bíblia e a Terra plana
Kayle B. de Waal
 Como interpretar corretamente os textos usados para defender o terraplanismo

18 Discipulado integral
Fernando Dias
 Cinco aspectos para o crescimento espiritual

21 Missão integrada
Aguinaldo Guimarães
 Uma proposta prática para o processo de evangelização urbana

24 Sermões inesquecíveis
Richard Duerksen
 O poder transformador da pregação narrativa

28 Rir é coisa séria
Richard Daly
 Fortaleça o relacionamento com seus filhos por meio de brincadeiras

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 92 – Número 543 – Mai-Jun 2020
 Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Márcio Nastrini
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Adobe Stock

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
 Twitter: @MinisterioBRA
 Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Lucas Alves; Daniel Montalvan;
 Adolfo Suarez; Marcos Blanco;
 Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Carranza; André Dantas; David Ayora;
 Edilson Valiante; Efrain Choque; Elieser Ramos;
 Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino
 Oliveira; Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Juan
 Zuñiga; Raildes Nascimento; Ronivon Santos;
 Rubén Montero e Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
 Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
 Rodovia SP 127 – km 106
 Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Wilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
 Segunda a quinta, das 8h às 20h
 Sexta, das 8h às 15h45
 Domingo, das 8h30 às 14h
 Site: www.cpb.com.br
 E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 79,20
 Exemplar Avulso: R\$ 16,28



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5935 / 40403

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa.

- Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

LÍDERES DIFERENCIADOS

Ao ler a Bíblia, muitas pessoas passam por alto as diferentes listas encontradas em suas páginas. Genealogias, cidades, tribos ou nomes de oficiais acabam sendo ignorados por leitores que não valorizam as informações apresentadas. Contudo, elas não estão no texto sagrado por acaso, e sempre fornecem lições valiosas para aqueles que se dedicam a compreendê-las. Em 1 Crônicas 12:24 a 37 encontra-se a relação, por tribo, dos guerreiros que se uniram a Davi em Hebrão, com o intuito de legitimá-lo como rei no lugar de Saul.

A lista majoritariamente destaca a quantidade total e a capacidade militar desses homens, mas, de repente, foge à regra no versículo 32: “Dos filhos de Issacar, conhecedores da época, para saberem o que Israel devia fazer, duzentos chefes e todos os seus irmãos sob suas ordens.” Dois pontos chamam atenção nesse texto. Em primeiro lugar, o cronista não revela quantos soldados havia, mas destaca o número modesto de chefes em relação às demais tribos. Na sequência, descreve uma importante qualidade desses líderes. Eram “conhecedores da época”, “homens que conheciam bem os fatos daquele tempo” (BV), líderes que sabiam “como Israel deveria agir em qualquer circunstância” (NVI) e “qual era o melhor caminho para Israel seguir” (NAA).

A variedade de versões do texto nos ajuda a entender o diferencial que os chefes da tribo de Issacar tinham. Eles eram capazes de avaliar o rumo dos ventos sociais, políticos e religiosos de Israel e traçar planos para seguir na direção correta. Em um exercício de imaginação, podemos conjecturar o que fazia deles líderes tão diferenciados.

Provavelmente, esses homens fossem bons observadores. E aqui cabe uma distinção: não podemos confundir o poder de observar com a capacidade de enxergar. A maioria das pessoas enxerga, mas não muitas são hábeis em observar o que está diante de seus olhos. Isso significa que não são atentas aos detalhes, aos padrões que antecedem os fatos ou às diferentes perspectivas sobre ele.

O povo de Deus necessita de pastores que sejam observadores, reflexivos, com boa capacidade de planejamento e disposição para a ação.

Os chefes da tribo de Issacar estavam cientes da derrocada da administração de Saul, da liderança emergente de Davi e de seu chamado divino.

Mais do que observadores, possivelmente eles fossem capazes de refletir sobre o que haviam observado. A reflexão é um exercício que demanda tempo, acúmulo de informações e que leva a pessoa a fazer perguntas e buscar respostas que vão além do senso comum, permitindo elaborar conhecimento que deve ter aplicações práticas. Talvez por esse motivo, o fato de serem “conhecedores da época” tenha sido algo notável naqueles dias.

O retrato dos líderes de Issacar presumivelmente deve conter a habilidade de planejamento. Observação e reflexão são prerequisites para a elaboração de planos bem estruturados. Ter perícia e disposição para ir à guerra é algo importante, mas conhecer o campo de batalha, os recursos disponíveis, a capacidade bélica do inimigo e as melhores estratégias é fundamental. A observação e interpretação do contexto em que viviam, aliada à capacidade de se planejar para o futuro provavelmente fizeram de Issacar uma tribo capaz de contribuir significativamente para a solidificação do reinado de Davi.

Assim como no décimo século antes de Cristo, hoje o povo de Deus também necessita de líderes; pastores que sejam observadores, reflexivos, com boa capacidade de planejamento e disposição para a ação. Precisamos buscar a sabedoria divina (Tg 1:5) para guiar nosso rebanho da melhor maneira através dos desafios que se levantam contra ele. De fato, os dias em que vivemos tornam imperativo que saibamos avaliar o contexto em que estamos inseridos e traçar um caminho seguro para cumprir os propósitos designados pelo Senhor, até que o Rei venha. **M**



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério

PREGA A PALAVRA

"PREGUE A PALAVRA, ESTEJA PREPARADO A
TEMPO E FORA DE TEMPO."

2 TIMÓTEO 4:2



**DIA DO ANCIÃO
20 DE JUNHO**



EM TEMPOS DE CRISE

Há alguns meses, autoridades chinesas alertaram a Organização Mundial de Saúde a respeito do coronavírus. Desde então, o mundo não tem sido o mesmo. As perspectivas referentes aos impactos da pandemia sobre a sociedade, em áreas como saúde, economia e educação não são nada animadoras. Atualmente, quase todos os países do mundo foram afetados.

A igreja e seus membros estão inseridos nesse contexto desafiador. Dessa maneira, somos levados a repensar a vida, ajustando-a aos novos tempos que estamos vivendo. O momento exige que enfrentemos essa batalha juntos, com fé e serenidade, ao contrário de muitos profetas do caos que se levantam para propagar pânico e sensacionalismo.

Certamente o ministério pastoral teve sua rotina alterada com essa nova realidade. Nesse contexto, surgem perguntas como: Podemos pastorear quando o acesso aos membros é restrito? Como pregar quando as igrejas estão fechadas? Como cuidar de pessoas que devem ser protegidas por meio do isolamento social? Acredito que o apóstolo Paulo tenha muito a nos ensinar quanto à maneira de proceder em situações desfavoráveis e ainda assim fazer a diferença na vida das pessoas.

Por volta do ano 61, Paulo estava preso em Roma. Do cárcere, ele escreveu quatro cartas: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. Mesmo distante, encontrou meios para se fazer presente e pastorear pessoas. Seu exemplo nos permite aprender pelo menos quatro lições de como conduzir a igreja em tempos de crise.

Paulo escreveu cartas às igrejas. Não havia meio mais acessível naquela época para se comunicar a não ser por escrito. Para não ficar desconectado das igrejas, o apóstolo enviou cartas com mensagens que atendiam às necessidades de cada uma delas. Hoje temos muitos recursos à disposição e devemos fazer uso de todos eles para que os membros se sintam pastoreados, fortalecidos e amparados.

Apesar dos desafios do momento, precisamos encontrar nas adversidades muitas oportunidades.

Paulo intercedeu pelas pessoas. “Não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações” (Ef 1:16; ver também Fp 1:3, 4; Cl 1:3 e Fm 4). O apóstolo conhecia o poder da oração e, por isso, intercedia pelos membros da igreja. Ele sabia que cada um deles tinha seus medos, lutas e angústias, e não deixava de levá-los a Cristo por meio da oração. Podemos utilizar os meios virtuais para orar com as famílias, os amigos e interessados. Saber que outras pessoas oram por nós faz muita diferença!

Paulo valorizou as pessoas. Ele chamou os efésios (Ef 1:16) e os colossenses (Cl 1:2) de fiéis; os filipenses de santos (Fp 1:1) e Filemom de amado (Fm 1). Em momentos de crise não podemos deixar de valorizar as pessoas e expressar nosso apreço por elas. Isso contribui para manter a unidade e a perseverança do rebanho, independentemente da situação.

Paulo inspirou os membros a testemunhar. “De maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais; e a maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas, ousam falar com mais desassombro a Palavra de Deus” (Fp 1:13, 14). Mesmo em circunstâncias tão limitadas, o apóstolo fez aquilo para o que foi chamado a fazer: pregar o evangelho. A partir de seu exemplo, os membros se engajaram na missão.

Apesar dos desafios do momento, precisamos encontrar nas adversidades muitas oportunidades. As pessoas estão mais sensíveis e abertas ao diálogo. Por isso, devemos aproveitar as circunstâncias e compartilhar nossa mensagem de esperança. **M**



LUCAS ALVES

secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul

LÍDER ESPIRITUAL

por Márcio Nastrini

Um dos grandes desafios da liderança pastoral é não permitir que as técnicas de gestão estejam acima do caráter espiritual do ministério. Nesta entrevista, o pastor **Marcos Bomfim** fala sobre alguns pontos importantes para o fortalecimento da espiritualidade pastoral.

Filho de pastor, Marcos Bomfim tem ampla experiência ministerial: foi pastor distrital em São Paulo; departamental de Mordomia Cristã, Comunicação, Família e Saúde em nível de Associação e União; e secretário ministerial associado e departamental dos Ministérios da Família, Saúde e Mordomia Cristã da Divisão Sul-Americana. Atualmente é o diretor do departamento de Mordomia Cristã da sede mundial adventista, nos Estados Unidos.

É mestre em Teologia, especialista em Terapia Familiar Sistêmica e candidato ao Doutorado em Ministério pela Universidade Andrews. Casado com Mariluz Bomfim, são pais de duas filhas e avós da pequena Emília.

De fato, o pastor serve de maneira semelhante à que Cristo servia quando em primeiro lugar serve a Deus.



Como você definiria uma pessoa espiritual?

Por termos sido criados à semelhança de Deus, mesmo após a queda, temos a capacidade de estabelecer relacionamento com outros seres espirituais, que normalmente não nos são visíveis. Além disso, a Bíblia ensina que nosso corpo pode ser cheio do Espírito Santo ou ser possuído por espíritos maus. Assim, creio que a pessoa espiritual é aquela que está consciente dessa realidade e intencionalmente busca um relacionamento pleno com o Espírito de Deus.

Ao longo do tempo, percebi que essa condição não é opcional, porque “se alguém não tem o Espírito de Cristo”, se alguém não reflete Seus atributos por andar Nele, “esse tal não é Dele” (Rm 8:9). E se não pertence a Deus, já está automaticamente “do outro lado”.

Quais elementos práticos são fundamentais para que alguém consiga desenvolver bem sua espiritualidade?

Tudo tem que ver com nossos hábitos. Acredito que a maior luta está no processo da formação do hábito de buscar a Deus. Desenvolvemos um hábito quando fazemos algo na mesma hora, no mesmo lugar e do mesmo jeito. É fundamental estabelecer uma rotina fixa de momento devocional que inclua tempo em oração, estudo da Bíblia, da lição da Escola Sabatina e do Espírito de Profecia.

Também é importante aprender a sacrificar apetites e preferências pessoais enquanto formamos hábitos de cuidado físico que estejam de acordo com as leis naturais. Sabemos que o estado do corpo pode afetar a qualidade da busca e do recebimento do Espírito Santo. Já que todas as experiências espirituais ocorrem através

do corpo, qualquer coisa que diminua sua energia vital vai limitar a capacidade de manter uma relação íntima com Deus.

A igreja deseja desenvolver uma espiritualidade que contagie o mundo e seja capaz de enfrentar as complexidades da vida. De que maneira o pastor pode ajudá-la a alcançar esse propósito?

Penso que só existe um meio de alcançar esse propósito: sermos cheios do Espírito Santo. Assim, podemos nos tornar “modelos do rebanho”, conforme diz Pedro (1Pe 5:3). A igreja precisa de exemplos de pessoas que andem com Deus em meio aos desafios da vida. Os membros observam como são minhas rotinas devocionais, se faço ou não o culto familiar, como enfrento meus desafios no casamento, como lido com minhas finanças, se sou fiel nos dízimos e no pacto, como vivo a reforma de saúde, como lido com minha sexualidade ou qual é minha compreensão prática da justiça pela fé.

De fato, o texto de 1 Pedro me ajudou muito quando, apesar de considerar meu ministério um fracasso, fui chamado a liderar um importante distrito. O ministério não é uma coisa muito complicada. Em primeiro lugar, o Senhor me chama para ser um “modelo do rebanho” a fim de ensinar às pessoas a andarem com Deus e serem revestidas do Espírito Santo. Depois que a gente define esse alvo, todo o resto se encaixa.

De que maneira conceitos equivocados de liderança podem afetar negativamente a espiritualidade do trabalho pastoral?

Nosso estilo de liderança reflete os conceitos que adotamos. A Bíblia indica que liderança é uma prerrogativa divina, concedida por empréstimo a seres humanos, com o propósito de glorificar a Deus e cumprir Seus desígnios na Terra, e da qual prestaremos contas. Esse poderia ser considerado um conceito de liderança teocêntrico.


Por sua vez, alguns interpretam equivocadamente a ideia de liderança servidora, por exemplo, inferindo que a prioridade do pastor deve ser servir aos membros e satisfazer suas necessidades, o que parece algo bastante simpático e politicamente correto. É claro que devemos tratar bem aos membros, ouvi-los e servi-los sempre que possível, mas ao tornar-se

isso uma prioridade, Deus é removido do lugar em que deveria estar.

Na verdade, o pastor serve de maneira semelhante à que Cristo servia quando em primeiro lugar serve a Deus, quando seu primeiro compromisso é ouvir Dele o que deve fazer, especialmente por meio do estudo profundo da Bíblia e do Espírito de Profecia. Quando o assunto é culto e adoração, por exemplo, antes de consultar as preferências dos membros e líderes da igreja, o pastor deve consultar o que está revelado sobre o assunto. Depois disso, deve ouvir os membros e procurar conduzi-los aonde Deus espera que estejam, não o contrário. Sem esse compromisso, o pastor não passa de um servo dos homens, uma imitação de Arão e Eli, com resultados funestos para a saúde espiritual de ambos, dele e da congregação.

Se, por exemplo, os membros não desejam, e às vezes querem nos fazer crer que não podem, receber visitas, é meu dever encontrar um modo de visitá-los, porque Deus assim ordena. Se não querem ouvir sobre temas impopulares, como reforma de saúde, jugo desigual, santidade na vida sexual, dízimo e ofertas, em oração devo pedir habilitação para falar justamente a respeito do que estão precisando, não apenas do que querem ouvir.

Outros inferem erroneamente que qualquer tipo de hierarquia ou estrutura organizacional é naturalmente opressor e contrário ao modelo de Cristo. Contudo, a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, está repleta de modelos hierárquicos e de estruturas organizacionais, e teremos esses modelos também no Céu. Quem não gosta de organização aqui, tampouco vai apreciá-la no reino de Deus.

Quando nos movemos de forma organizada, podemos realizar muito mais e cumprir mais rapidamente a grande comissão. Evidentemente, uma posição de liderança nunca servirá de desculpa no Dia do Juízo para quem se aproveitou dela para revelar traços de caráter autoritários, despóticos, arrogantes ou orgulhosos, seja em casa, no distrito ou em outra instância qualquer. Mas aprendi com meu pai, um pastor de experiência, que lucrarmos pouco ao nos irritar quando as circunstâncias nos forçam a trabalhar com pessoas assim. Ele dizia que, um dia, seremos chamados a prestar contas apenas pela maneira como tratamos os outros, pelo que fizemos em nossa vida e ministério. E cuidar disso já é bastante trabalhoso! 



LIDERANÇA COM

O mundo passa por uma fase de transição sem paralelo na história, o que exige líderes fortes e equilibrados. Livros e cursos sofisticados sobre liderança se multiplicaram nos últimos anos.¹ Porém, a maior necessidade é de líderes movidos pelo Espírito de Deus. O preparo técnico, obviamente, tem seu lugar. No entanto, sem o Espírito, todas as técnicas e rotinas da igreja são “maquinaria morta”.² Liderar sem o Espírito é matar a liderança espiritual. Mas o que significa ser um líder movido pelo Espírito?

Primeiro, a definição. Liderança é a arte de inspirar outros a sonhar com novos mundos, sair da zona de acomodação e dar o máximo para transformar a realidade e deixar um legado para o bem comum. Liderança é uma atitude, não um título; visão, não inteligência; inspiração,

não gerenciamento; propósito, não tarefa; influência, não coerção; autoridade, não imposição; confiança, não controle; ação, não discurso.

O conceito de liderança aparece logo na abertura da Bíblia. “A primeira palavra da Bíblia Hebraica, *bereshit*, geralmente traduzida como ‘no princípio’ (Gn 1:1), sintetiza a essência da liderança: é derivada da palavra *rosh*, que literalmente significa ‘cabeça’ e é o termo técnico normalmente usado para designar quem está na liderança em determinada situação. Portanto, desde o início, o evento da criação é um ato de liderança. A criação é liderança por excelência.”³ Por falar em criação, a liderança pode ser comparada a uma galáxia, em que Deus ocupa o centro e as estrelas orbitam ao redor Dele. O Espírito, ativo na criação, lidera esse movimento.

A relação entre Espírito e liderança é bem evidente ao longo da Bíblia. “A maioria das referências no Pentateuco a *ruah* como Espírito tem que ver com algum tipo de habilidade de liderança outorgada pelo *ruah* para uma tarefa específica”, observa Wilf Hildebrandt.⁴ O Antigo Testamento descreve vários líderes capacitados pelo Espírito para exercer uma liderança forte e efetiva: José (Gn 41:38), Moisés e os 70 anciãos (Nm 11:16-29), Josué (Nm 27:18; Dt 34:9), Otoniel (Jz 3:9, 10), Gideão (Jz 6:34), Jefté (Jz 11:29), Sansão (Jz 13:25; 14:19; 15:14), Saul (1Sm 10:10; 11:6), Davi (1Sm 16:13) e Daniel (Dn 4:8, 9).

No 8º século a.C., o profeta Isaías (11:1-5) pintou o quadro do Messias como um Líder capacitado pelo Espírito do Senhor e cheio de sabedoria e entendimento, que julgaria com justiça e equidade; o Ungido que

PODER

Os hábitos do líder movido pelo Espírito

Marcos De Benedicto

levaria boas-novas aos sofredores, cuidaria dos corações quebrantados e trocaria o pranto pelo óleo da alegria (61:1-3). Esse perfil de um Líder pacífico e espiritual, a figura de um Rei escatológico ideal que inauguraria uma nova era, indica um forte contraste “intencional” com o estilo dos líderes de Israel ao longo da história.⁵

Mais tarde, Zacarias mencionou o líder que iria reconstruir o templo, em meio à oposição, e então anunciou: “Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos” (Zc 4:6). O termo “força” (*chayil*) é usado em outras partes do Antigo Testamento em referência à habilidade, eficiência, riqueza e ao exército na esfera humana, mas nunca em relação à dimensão divina. Já a palavra “poder” (*koach*) é empregada para descrever proezas físicas, intelectuais ou

econômicas de indivíduos ou grupos, mas tem uma relação especial com a ação divina.⁶ Essas duas palavras destacam o contraste entre a força meramente humana e o poder divino. Ainda hoje, para construir o “templo”, o líder precisa depender do Espírito de Deus.

Líderes autoritários, violentos e orgulhosos podem conseguir bons resultados, mas machucam os liderados, além de representar mal a Deus. Por isso, a Bíblia valoriza o modelo de liderança espiritual, os líderes “guiados pelo Espírito para realizar uma missão designada por Ele” e cuja “sensibilidade ao Espírito molda seus motivos e informa seus métodos”.⁷ John Adair defende que 50% das nossas motivações vêm de dentro de nós, enquanto 50% vêm do ambiente exterior, especialmente da liderança.⁸ Mas o

ideal é que o Espírito motive 100% das nossas ações.

Aqui vale mencionar que um bom líder não aparece de uma hora para outra, como pelo despertar de um gene. Para Warren Bennis, “o mito mais perigoso sobre liderança é que os líderes nascem [prontos] – que existe um fator genético na liderança”.⁹ Um grande líder não se faz sem agonia, sofrimento e refinamento do caráter. O crisol é o teste de fogo do líder até o limite do ser, em que a escória é consumida e ele sai purificado e transformado, mostrando de que material é feito. Ellen White confirma: “Homens de força e poder nesta causa que Deus usará para Sua glória são aqueles que foram contestados, contrariados e frustrados em seus planos.”¹⁰

Embora o clichê evangélico ensine que Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos, o contrário também pode ser verdade: o Espírito Santo aproveita a experiência prévia para formar o líder. Se você imaginar o mapa da sua vida desde seu nascimento, passando pela faculdade, até o estágio atual, perceberá pontos que foram usados pelo Espírito para potencializar sua liderança.

Qualidades do líder espiritual

Indo ao aspecto mais prático, qual líder espiritual você mais admira? Por que ele o influenciou? Quais características dele você mais aprecia? Incontestavelmente, o maior modelo de Líder movido pelo Espírito é Jesus. Com base na vida, na experiência, nos ensinamentos e no legado Dele, conforme registrados por Lucas em seus dois livros, vou enumerar dez hábitos do líder movido pelo Espírito. Há outros, como ousadia e unidade, mas num artigo não é possível falar de tudo.

Afirmção

Enquanto Jesus estava orando, numa cena cósmica, “o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu: Tu és o Meu Filho amado, em Ti Me

O crisol é o teste de fogo do líder até o limite do ser, em que a escória é consumida e ele sai purificado e transformado, mostrando de que material é feito.

comprazo” (Lc 3:21, 22). Por meio da ação do Espírito e de uma carinhosa declaração de filiação divina e status especial, vemos Deus afirmando a identidade de Jesus como o novo Líder de Seu povo, assim como havia feito em relação a Josué (Js 1:5-9; 4:14). Em consonância com essa atitude, Jesus sempre afirmou e elevou as pessoas. Líderes fortes afirmam, líderes inseguros rebaixam.

Submissão

Após Seu batismo, Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto (Lc 4:1) e voltou do deserto “no poder do Espírito” (v. 14). O movimento de ir e vir no poder do Espírito prefigurava a trajetória de uma vida inteira sob o controle do Espírito. Liderança espiritual começa com a liderança da própria vida pelo Espírito Santo. “Se você quer liderar, invista pelo menos 50% de seu tempo liderando você mesmo”, ensinou Dee Hock, fundador da VISA.¹¹ Eu diria: se você deseja liderar com poder, invista 100% do seu tempo submetendo-se ao Espírito. Quem não sabe seguir não pode liderar. Aliás, o conceito de liderado ou seguidor está sendo redefinido e valorizado.¹²

Unção

Lucas 4:16 a 21 é o texto programático do ministério de Jesus como Cristo (ou Ungido), termo que aparece mais de 500 vezes no Novo Testamento.¹³ “O Espírito

do Senhor está sobre Mim, pelo que Me ungiu”, disse Jesus (Lc 4:18). Nos tempos bíblicos, a unção era feita com óleo, um produto muito valorizado nos “salões” de beleza, nos “hospitais” e nos rituais do templo. O óleo da unção, que continha azeite, mirra, canela e outros ingredientes aromáticos, passou a ser um belo símbolo do chamado e do poder para realizar uma tarefa especial. Se você fosse um sacerdote, profeta ou rei, seria “empossado” através da unção com óleo santo. O óleo não tem poder em si, mas representa o poder de Deus sendo derramado sobre a pessoa escolhida para uma missão. Antes de impactar outros “espíritos”, o líder deve ser impactado pelo Espírito.

Propósito

O Espírito do Senhor ungiu Jesus “para...” (Lc 4:18). A unção do líder ocorre para uma finalidade, que não é a exaltação pessoal. Jesus foi ungido para levar liberdade aos prisioneiros da vida, curar corações quebrantados e anunciar o ano da graça do Senhor. Todos os dias, Ele “recebia novo batismo do Espírito Santo. Nas primeiras horas do novo dia, o Senhor O despertava de Seu repouso, e Sua alma e lábios eram ungidos de graça para que a pudesse transmitir a outros”.¹⁴ O líder movido pelo Espírito tem como propósito libertar, curar, revelar graça e promover a glória de Deus. Liderar sem um propósito é como fazer uma viagem sem destino.

Autoridade

Jesus deu autoridade aos discípulos sobre o poder do inimigo e exultou no Espírito pela vitória deles (Lc 10:18-21). Jesus é o modelo absoluto de líder com

poder. Ele tinha poder sobre o povo, os líderes, a natureza, as doenças e até os demônios. “Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra”, afirmou (Mt 28:18). O líder movido pelo Espírito tem poder espiritual, não apenas estrutural, pessoal nem autoritário (ver o quadro abaixo).

Missão

Jesus ordenou que os discípulos ficassem na cidade até que fossem revestidos do poder do alto (Lc 24:49). No âmbito espiritual, sair para liderar sem o poder do Espírito é um risco – o risco da ineficácia, do fracasso, do desânimo, da distorção, da vanglória. Por isso, antes de ir, é preciso ficar. “A ausência do Espírito é que torna tão destituído de poder o ministério evangélico.”¹⁵ Porém, a capacitação visa à missão. Quando os discípulos se mostraram preocupados com o “fim” em termos de tempo, Jesus disse que deviam se preocupar com o “fim” em termos de espaço (At 1:6-8). O controle sobre o fim do mundo pertence a Deus, enquanto a missão de chegar ao fim do mundo pertence a nós. O líder movido pelo Espírito, sempre preocupado com a missão e não com especulação, tem um coração missionário e resiliência para levar a missão até o fim.

Visão

No contexto do Pentecostes, Pedro apelou à profecia de Joel 2 para explicar aquele fenômeno espetacular: “os jovens terão visões, os velhos terão sonhos” (At 2:17, NVI). Geralmente, os jovens têm sonhos, mas não possuem visão, enquanto os velhos possuem visão, mas já não têm sonhos. A presença do Espírito reverte essa tendência. Ele coloca sonhos e visões na mente e no coração dos líderes. Cria visionários. O líder visionário vê além do

Poder estrutural	Poder pessoal	Poder autoritário	Poder espiritual
Posição Recompensa Tecnologia	Personalidade Carisma Competência	Ameaça Coerção Controle	Amor Inspiração Serviço

horizonte, vislumbra possibilidades onde outros enxergam apenas impossibilidades, desenha um quadro mental da visão com base na missão, planeja com a mente e lidera com o coração, transforma o futuro em presente e o presente em futuro, age com vigor na busca dos objetivos e inspira a mesma visão nos liderados. Se a convicção motiva o líder, a visão inspira o próprio líder e os liderados. Sem a visão espiritual, o povo perece e o líder não sobrevive.

Integridade

Logo no início do cristianismo, o Espírito deu o tom da seriedade com que os líderes deveriam tratar os negócios de Deus. O episódio de Ananias e Safira (At 5) revela como Deus lida com o pecado. Ele não tolera fraude. “Por que vocês mentiram ao Espírito Santo?”, questionou Pedro (ver At 5:3, 9). O líder precisa desenvolver um estilo autêntico, íntegro e transparente. Seu nível de liderança jamais irá além de seu caráter. A falta de integridade compromete até as melhores habilidades. O líder deve seguir seu “verdadeiro Norte”, “a bússola interna”, um ponto fixo neste mundo giratório e instável, o sistema de localização com base nos “valores mais acalentados”.¹⁶ Na verdade, o mundo precisa de líderes “cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao polo”,¹⁷ mas quem estabelece o referencial é o Espírito.

Valores

“Vendo Simão que o Espírito era dado com a imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro”, relata Lucas (At 8:18, NVI). Pedro respondeu: “Pereça com você o seu dinheiro!” (v. 20). Os primeiros líderes do cristianismo defendiam valores inegociáveis. Em nossa sociedade corrupta, em que tudo é comprável e vendável, é bom olhar para modelos assim. O líder movido pelo Espírito vale muito porque tem muitos valores. Esse tipo de líder acaba influenciando positivamente a cultura organizacional, local e, às vezes, nacional, “a soma total de crenças, rituais, regras, costumes,

artefatos e instituições que caracterizam a população”.¹⁸ Tal líder não se preocupa somente com as pessoas e o desempenho, mas também com os valores, combinando esses elementos de maneira equilibrada.

Configuração do futuro

Lucas registra que, em certa ocasião, um profeta chamado Ágabo predisse, pelo Espírito, uma grande fome (At 11:28). Com base na revelação, os líderes procuraram antecipar o problema e reconfigurar o futuro. Isso é liderança em sua melhor expressão. Peter Senge classifica liderança como “a capacidade de uma comunidade humana configurar seu futuro e, especificamente, de sustentar os processos de mudança significativos, necessários para que isso aconteça”.¹⁹

Algumas pessoas e igrejas têm dificuldade para fazer mudanças e, por isso, não conseguem reconfigurar o futuro. Mas o Espírito pode desejar mudanças. Nos últimos anos, temos ouvido muitas vezes sobre a necessidade de reforma. Segundo Delbert Baker, isso inclui quatro áreas: (1) reorganização das ideias (conceitos); (2) reorganização das teorias (conjunto de pressuposições); (3) reorganização dos hábitos (rotina de comportamentos); e (4) reorganização das práticas (ações e métodos).²⁰ O líder movido pelo Espírito não teme mudar quando a mudança é a coisa certa a se fazer.

Concluindo, você terá mais êxito e conseguirá motivar mais gente se for um líder movido pelo Espírito. Lidere com submissão, unção, propósito, autoridade, visão, integridade. Lidere com amor, discernimento, eficácia, cabeça e coração. Lidere com resiliência. Lidere para a eternidade. **IV**

Referências

¹ Uma abordagem mais científica sobre o tema teve início em 1979, quando o primeiro programa de doutorado (PhD) na área foi aberto na Universidade de San Diego (EUA). Para um estudo sobre programas e linhas de pesquisas sobre liderança, ver Daina D. Mazutis, Zoe Morris e Karyn Olsen, “Leadership at the Graduate Studies and Postdoctoral Levels” (University of Western Ontario, 2011).

² LeRoy Edwin Froom, *A Vinda do Consolador* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), p. 131.

³ Jacques B. Doukhan, “Creation Is Leadership”, em *Servants and Friends: A Biblical Theology of Leadership*, ed. Skip Bell (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2014), p. 31.

⁴ Wilf Hildebrandt, *An Old Theology of the Spirit of God* (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), p. 22.

⁵ Wonsuk Ma, *Until the Spirit Comes: The Spirit of God in the Book of Isaiah* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999), p. 206.

⁶ Mark J. Boda, *The Book of Zechariah* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2016), p. 288.

⁷ J. Lee Whittington, *Biblical Perspectives on Leadership and Organizations* (Nova York: Palgrave Macmillan, 2015), p. 29.

⁸ John Adair, *Leadership and Motivation: The Fifty-Fifty Rule and the Eight Key Principles of Motivating Others* (Londres e Filadélfia: Kogan Page, 2006), p. 2, 38.

⁹ Warren Bennis, *Managing People Is Like Herding Cats* (Provo, UT: Executive Excellence Publishing, 1999), p. 163.

¹⁰ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), v. 3, p. 494.

¹¹ Dee Hock, “Dee Hock on Management”, *Fast Company*, outubro/novembro de 1996.

¹² Ver Ronald E. Riggio, Ira Chaleff e Jean Lipman-Blumen (eds.), *The Art of Followership: How Great Followers Create Great Leaders and Organizations* (San Francisco: Jossey-Bass, 2008).

¹³ *Massiah* aparece 38 vezes no Antigo Testamento e *Christos* 529 no Novo Testamento.

¹⁴ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, 9ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), p. 139.

¹⁵ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, 5ª ed. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), v. 3, p. 212.

¹⁶ Bill George com Peter Sims, *True North: Discover Your Authentic Leadership* (San Francisco: Jossey-Bass, 2007), xxiii.

¹⁷ Ellen G. White, *Educação*, 6ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), p. 57.

¹⁸ John M. Ivancevich e Robert Konopaske e Michael T. Matteson, *Organizational Behavior and Management*, 10ª ed. (Nova York: McGraw-Hill, 2013), p. 34.

¹⁹ Peter M. Senge, *A Dança das Mudanças* (Rio de Janeiro: Elsevier, 1999), p. 28.

²⁰ Delbert W. Baker, “Eschatology and Last Day Leadership: Introducing the Strong Adventist Leader”, palestra apresentada na 4ª Conferência Bíblica Internacional, realizada em Roma, de 11 a 21 de junho de 2018, p. 24.

MARCOS DE BENEDICTO
Editor-chefe da Casa Publicadora Brasileira





Como interpretar corretamente os textos usados para defender o terraplanismo

Kayle B. de Waal

Recentemente, o movimento da “Terra Plana” ressurgiu fazendo muito barulho nas redes sociais como o Twitter e o YouTube, que acabam servindo como incubadoras dessa visão. No meio desse fenômeno, alguns cristãos passaram a acreditar que a Bíblia ensina que a Terra é plana, ao interpretar literalmente algumas passagens das Escrituras.

As supostas evidências bíblicas apresentadas para defender o terraplanismo incluem textos sobre o firmamento, as águas sob e sobre o firmamento, o geocentrismo e versos específicos que se referem a uma Terra plana.¹ Esses “argumentos” geralmente são postados sem nenhuma explicação. Assim, este artigo propõe uma análise desses textos, com base em uma ampla perspectiva acadêmica, a fim de minimizar qualquer viés.

O firmamento

“E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas. Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas de baixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E assim se fez” (Gn 1:6, 7; ver também 2Sm 22:16; Sl 18:16; 19:4, 5; 104:2, 3; 148:4; 2Pe 3:5; Is 40:22). Com base em interpretações equivocadas desses textos, os terraplanistas defendem que a Terra tenha uma cúpula, abóbada ou copa ao seu redor; haja águas acima dos céus; e haja um círculo acima da terra.

A BÍBLIA E A TERRA

A palavra hebraica *rāqîa'*, traduzida como "firmamento" ou "abóbada", significa "expansão". Kenneth Mathews afirma que "Deus criou uma extensão para criar um limite, dando estrutura às águas superiores e inferiores (Gn 1:6, 7). A expansão é a atmosfera que distingue as águas da superfície da Terra (as águas debaixo) das águas ou nuvens atmosféricas (as águas acima)."² A expansão também é o local em que o Sol e a Lua foram colocados (Gn 1:15, 17) e os pássaros voam (Gn 1:20).

De maneira semelhante, Hugh Ross afirma que a "expansão" em Gênesis 1:6 a 8 se refere à troposfera, e as "águas acima" são vapor de água. Ele argumenta que "a separação que Deus faz da água descreve com precisão a formação da troposfera, a camada atmosférica logo acima do oceano onde as nuvens se formam e a umidade reside"³ Younker e Davidson chegam à mesma conclusão quando afirmam que a água acima da extensão em Gênesis 1:7 refere-se às nuvens.⁴

É importante ressaltar que *rāqîa'* é chamado de céu (*šāmayim*) em Gênesis 1:8.⁵ Os usos posteriores do termo no Antigo Testamento não sugerem que o céu seja uma cúpula sólida.⁶ Algumas pessoas defendem

que os hebreus acreditavam haver janelas ou portas literais no firmamento. Contudo, um estudo cuidadoso nos ajuda a interpretar as Escrituras. O Salmo 78:23 lança luz sobre o Salmo 148:4, no que se refere a "portas" e "céu". O Salmo 78:23 diz: "Nada obstante, ordenou às alturas e abriu as portas dos céus." A expressão "as portas dos céus" é um paralelismo evidente. Keil e Delitzsch reconhecem que, "de acordo com a representação do Antigo Testamento, sempre que chove muito, as portas ou janelas do céu são abertas"⁷ Assim, a expressão não descreve janelas literais no céu, mas expressa de maneira poética e figurativa que chovia muito. Por isso Van Gemeren afirma que as águas "acima do firmamento" no Salmo 148:4 representam várias formas de precipitação.⁸

Em 2 Pedro 3:5, o apóstolo afirma que os hereges intencionalmente se esqueceram de que os céus surgiram pela Palavra de Deus. Pedro estava fazendo alusão a Gênesis 1:6 a 10 com a sentença "da água e através da água". O Senhor separou a água da terra, então a parte da frase que diz "da água" é direta. A frase "através da água" é mais difícil, e provavelmente se refira ao fato de que a água

tenha sido o meio pelo qual a terra apareceu. Em outras palavras, quando a água retrocedeu, a terra apareceu.⁹

Em relação a Isaías 40:22, a palavra "redondeza" é a palavra hebraica *hûg*. Ela é usada para se referir a "abóbada" em Jó 22:14 e "horizonte" em Provérbios 8:27.¹⁰ Outros textos como Isaías 66:1, 1 Reis 8:39 e Salmo 2:4 ensinam que Deus habita nos Céus (*hûg*).¹¹ Depois de consultar outras passagens, aprendemos que *hûg* se refere à redondeza da Terra em Isaías 40:22, mas também aos céus como horizonte em diversos textos. Portanto, 2 Samuel 22:16 e os Salmos 18:16; 19:4, 5; e 104:2, 3 também devem ser entendidos figurativamente. Assim como o Sol não é um noivo saindo de sua câmara (Sl 19:5), também não há tenda literal ao redor da terra.

Em suma, o estudo desses versículos mostra que a Bíblia não ensina que a Terra tenha uma cúpula ou abóbada ao seu redor. Em vez disso, as Escrituras afirmam que há uma expansão na qual as nuvens, o Sol e a Lua estão (Gn 1:15, 17) e os pássaros voam (Gn 1:20). Não há janelas nem portas literais no firmamento. Em vez disso, janelas ou portas abertas se referem à chuva, quando as nuvens "liberam" a chuva.

PLANA



“É um erro supor que a cosmovisão dos antigos hebreus era dependente do pensamento dos povos do Oriente Médio”.

Os fundamentos

“Em tempos remotos, lançaste os fundamentos da terra; e os céus são obra das Tuas mãos” (Sl 102:25; ver também 1Sm 2:8; Is 48:13; Zc 12:1). Ao interpretar de modo equivocado esses versículos, os terraplanistas defendem que o planeta tem um fundamento, é plano, e que existem pilares que o sustentam.

Contudo, o conceito de “fundamento” aponta para o fato de que Deus estabeleceu a Terra.¹² Isso fica evidente quando vemos o paralelismo no Salmo 78:69, que diz: “Ele construiu Seu santuário como as alturas, como a terra que estabeleceu para sempre”, referindo-se “pictoricamente à firmeza e estabilidade da criação de Deus”.¹³ Portanto, a noção de fundamento ou estabelecimento aponta para o controle imutável de Deus sobre tudo, destacando Sua singularidade (Dt 32:39; Is 41:4; 43:10; 48:12).¹⁴ Assim, ao comparar cuidadosamente texto com texto, podemos nos afastar de uma ideia literalista de “fundamento”.

Por sua vez, 1 Samuel 2:8 menciona as “colunas da terra”. Essa expressão também deve ser entendida em seu contexto bíblico mais amplo, e não tomada literalmente.¹⁵ Observe Jó 26:7, que diz: “Ele estende o norte sobre o vazio e faz pairar a Terra sobre o nada.” Parece que esses textos se contradizem: como a Terra pode repousar sobre colunas e, ao mesmo tempo, não se apoiar em nada?

O contexto de cada passagem nos leva a perceber que os autores bíblicos estão usando linguagem figurada quando falam sobre as “colunas da Terra”. Esse tipo de imagem poética – ou seja, colunas e fundamentos – é comumente usado nas

Escrituras para descrever como Deus sustenta e mantém o mundo (cf. Jó 38:4-6).

A ideia de que os antigos hebreus e mesopotâmios acreditavam em um planeta plano com quatro cantos foi refutada pela descoberta de uma tábua mesopotâmica, mostrando que os quatro “cantos”, de fato, se referem aos quatro pontos cardeais dentro do círculo da Terra.¹⁶ Em Isaías 11:12 e Ezequiel 7:2, as duas principais frases hebraicas que descrevem os confins/cantos da Terra falam literalmente sobre “quatro asas” (*kān·pōt*).

Seria um erro supor que os textos sugiram quatro cantos de 90 graus literais. Quando os antigos hebreus queriam descrever um objeto com cantos de 90 graus, como os cantos de uma casa ou rua, o termo empregado era *pinnah* (“canto”). Dessa maneira, Deus usa as imagens dos fundamentos e de uma pedra angular para transmitir algo sobre Sua pessoa: Ele é o poderoso Criador. De idêntico modo, os animais não falam nem riem, mas Deus disse a Jó que o cavalo “ri do medo” (Jó 39:22, NVI). Portanto, a comparação entre textos indica o fundamento como o estabelecimento da Terra por Deus e deve ser usada para interpretar passagens difíceis como 1 Samuel 2:8.

O geocentrismo

“E o sol se deteve, e a lua parou até que o povo se vingou de seus inimigos. Não está isto escrito no Livro dos Justos? O sol, pois, se deteve no meio do céu e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro” (Js 10:13; ver também 1Cr 16:30).

Às vezes Josué 10:13 é usado para defender o geocentrismo. Contudo, a passagem não afirma que o Sol estivesse se movendo

ao redor da Terra. Frequentemente, as Escrituras retratam eventos naturais da perspectiva do observador, mas isso não significa que essa perspectiva reflita todos os aspectos da realidade; apenas nos diz o que percebemos com nossos sentidos, sem usar outras ferramentas de investigação.

O fato de que o Sol “não se moveu” não significa necessariamente que ele orbitava em torno da Terra. O autor do texto desconsiderou nossas preocupações contemporâneas, a parada do Sol e da Lua, mas destacou o fato de que Deus respondeu a oração de Josué (Js 10:14).¹⁷ O prolongamento do dia proporcionou um tempo extra aos soldados israelitas para que destruíssem seus inimigos. O milagre demonstrou o poder divino contra Baal e Astarote, provando que “tanto o Sol como a Lua, a quem eles [os cananitas] adoravam, obedeciam às ordens de Josué, sob a direção de Yahweh”.¹⁸

Nossa perspectiva humana limita o poder e a capacidade de Deus. Buscamos justificativas naturalistas e evidências científicas, mas a verdade é que não podemos usar a razão para explicar Josué 10:13 e 14. Se pudéssemos, deixaria de ser um milagre. Não podemos explicar como Deus realizou o milagre do dia longo de Josué, assim como não podemos explicar como Jesus ressuscitou Lázaro (Jo 11:38-44) ou como andou sobre as águas (Mt 14:22-33). A natureza inexplicável desses eventos é o que os torna milagres.¹⁹

A Terra plana

“Espalharei os elamitas pelos quatro cantos da Terra, levados pelos quatro ventos. Não haverá um país no mundo para onde não fuja algum elamita!” (Jr 49:36, BV; Ez 7:2; 20:8). De maneira equivocada, os terraplanistas entendem que os “quatro cantos” indicam que a Terra seja plana.

A frase “os quatro cantos da Terra” era comum no mundo antigo.²⁰ Em relação à frase em Ezequiel 7:2, ela se refere a Israel (cf. Ez 7:1). Em Apocalipse 7:1 e Jeremias 49:36 é uma expressão metafórica que faz alusão à toda a Terra.

O termo grego para “cantos” em Apocalipse 7:1 é *gonia*, que significa “ângulo” ou “divisão”, e está intimamente relacionado às divisões modernas conhecidas como quadrantes. Assim, não implica nenhum formato específico da Terra.²¹

James Holding observa que a palavra hebraica mais frequentemente traduzida como “terra” no Antigo Testamento é *erets*, usada para se referir à Terra, mas também a uma nação ou território específico, como a “terra de Havilá” (Gn 2:11), ou a um terreno definido, como o adquirido por Abraão (Gn 23:15).²² Além disso, os terraplanistas afirmam que não há versículos na Bíblia que ensinem que o planeta seja uma esfera giratória que orbita o Sol. Contudo, o silêncio da Bíblia não prova nem refuta esse fato.

Conclusão

Este artigo examinou os textos usados pelos terraplanistas para apoiar suas reivindicações. Como resultado, concluímos que a Bíblia não ensina que a Terra seja plana, possua uma abóbada ou cúpula literal nem que existam colunas embaixo dela. Os argumentos em defesa da “Terra plana” têm por base as suposições e ignoram uma exegese responsável. Os sites que mencionam essas passagens como evidência geralmente não fornecem explicações para elas. Além disso, os defensores do terraplanismo usam esses textos fora de seu contexto, e isso leva a uma doutrina equivocada.

Uma das suposições que alguns fazem é que a cosmologia do antigo povo hebreu era devedora a outros povos antigos na Mesopotâmia e, portanto, textos que se referem a uma “Terra plana”, uma “cúpula/abóbada ao redor da terra” e “colunas” sustentando o planeta também refletem visões hebraicas antigas. Com base em nosso estudo, essa visão é insustentável. Herman Bavinck afirma que “as histórias da criação em Gênesis e a da Babilônia são muito diferentes em todos os pontos”.²³

Gordon Wenham declara que, “embora Gênesis compartilhe muitos dos

pressupostos teológicos do mundo antigo, é melhor ler a maioria das histórias encontradas nesses capítulos como apresentando uma cosmologia alternativa às geralmente aceitas no antigo Oriente Médio”.²⁴ Moisés, portanto, transmite uma cosmologia alternativa com base na revelação de Deus, que em vários pontos está em desacordo com a cosmologia do antigo Oriente Médio.²⁵

A verdade está fundamentada em uma profunda revelação de Deus e Seu grande amor redentor (Jo 3:16; 1Jo 4:8). Uma leitura contextual das Escrituras centrada Nele aponta para Seu poder indescritível e controle soberano da Terra. O evento da criação e o que é descrito ali fornecem uma estrutura para nossa apropriação de textos posteriores (Jó 38:8-11; Sl 104:5-9).²⁶ Para Israel e para nós, o Criador é o Deus que nos acompanha na jornada da vida, em todas as alegrias e perplexidades. Na antiguidade, não havia divisão entre o sobrenatural e o natural. O Senhor estava envolvido ativamente nos mínimos detalhes do mundo. Isso é algo de que precisamos atualmente.²⁷ **W**

Referências

- ¹ Ver “Religious References”, Flat Earth Society, <<https://tinyurl.com/t5k6mbh>>.
- ² Kenneth Mathews, *Genesis 1-11:26*, New American Commentary (Nashville, TN: Broadman and Holman, 1996), p. 150.
- ³ Hugh Ross, *The Genesis Question: Scientific advances and the accuracy of Genesis* (Colorado Springs, CO: NavPress, 1998), p. 34, 199, 201.
- ⁴ Randall W. Younker e Richard M. Davidson, “The Myth of the Solid Heavenly Dome: Another look at the Hebrew *rāqīaʿ*”, *Andrews University Seminary Studies* 49, n. 1 (2011): 1-25.
- ⁵ John Sailhamer, “Genesis”, em Tremper Longman III e David E. Garland (eds.), *Expositor's Bible Dictionary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), v. 1, p. 59.
- ⁶ Mathews, *Genesis 1-11:26*, p. 150.
- ⁷ Carl Friedrich Keil e Franz Delitzsch, *Commentary on the Old Testament: The Pentateuch* (Peabody, MA: Hendrickson, 1996), v. 1, p. 53, 54.
- ⁸ William A. VanGemeren, “Psalms”, em Frank E. Gaebelain (ed.), *The Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1991), p. 872.
- ⁹ Peter H. Davids, *The Letters of 2 Peter and Jude* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006), p. 270.

- ¹⁰ Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), v. 4, p. 257.
- ¹¹ Shalom M. Paul, *Isaiah 40-66*, Eerdmans Critical Commentary (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2012), p. 149.
- ¹² VanGemeren, “Psalms”, p. 649.
- ¹³ Ronald F. Youngblood, “1 & 2 Samuel”, em Frank E. Gaebelain (ed.), *The Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992), p. 581.
- ¹⁴ Hans-Joachim Kraus, *Psalms 60-150: A Commentary* (Mineápolis, MN: Augsburg Fortress, 1989), p. 286, 287.
- ¹⁵ Ralph Klein, *1 Samuel*, Word Biblical Commentary (Dallas, TX: Word, 2008), v. 10, p. 18.
- ¹⁶ Veja a representação do tablet BagM. Beih 2 n. 98 e a discussão de seu significado em Wayne Horowitz, *Mesopotamian Cosmic Geography* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1998), p. 195-206.
- ¹⁷ Gleason L. Archer, *The New International Encyclopedia of Bible Difficulties* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982), p. 161, 162; Walter C. Kaiser, Jr., Peter H. Davids, e Manfred T. Brauch, *Hard Sayings of the Bible* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 186-188.
- ¹⁸ Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), v. 2, p. 221.
- ¹⁹ Michael Youseff, *Joshua: Leading the Way Through* (Eugene, OR: Harvest, 2013), p. 150.
- ²⁰ Joan S. Morton, *Science in the Bible* (Chicago, IL: Moody, 1978), p. 138, 141.
- ²¹ Louis A. Brighton, *Revelation*, Concordia Commentary (Saint Louis, MO: Concordia, 1999), p. 181.
- ²² J. Holding, “The Legendary Flat-Earth Bible”, *Christian Research Journal* 36, n. 3 (2013): 1-5.
- ²³ Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics* (Grand Rapids, MI: Baker, 2004), v. 2, p. 477.
- ²⁴ Gordon J. Wenham, *Genesis 1-15*, Word Biblical Commentary (Waco, TX: Word, 1987), v. 1, p. xlv.
- ²⁵ Gerhard F. Hasel, “The Polemic Nature of the Genesis Cosmology”, *Evangelical Quarterly* 46 (1974): 81-102.
- ²⁶ Ver Gerald A. Klingbeil (ed.), *The Genesis Creation Account and Its Reverberations in the Old Testament* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2015).
- ²⁷ John H. Walton, *Job*, NIV Application Commentary (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012), p. 191.

Nota: Este artigo foi adaptado de “Does The Bible Teach That The Earth is Flat?”, *Reflections* 68, Biblical Research Institute, outubro de 2019.

KAYLE B. DE WAAL
Professor de Teologia na
Universidade Avondale,
Austrália



DISCIPULADO INTEGRAL

Cinco aspectos essenciais para o crescimento espiritual

Fernando Dias

Se a primeira preocupação de um ganhador de almas é fazer novos conversos para o reino de Deus, sua segunda preocupação deve ser mantê-los na igreja. Segundo estatísticas, para cada dois novos convertidos, há, praticamente, uma apostasia.¹ Certamente essa é uma taxa altíssima. Não se pode, como alguns fazem, colocar toda a responsabilidade da perda da fé de uma pessoa num preparo deficiente para o batismo; afinal, assim como há a decisão de seguir a Cristo, há a decisão de não mais segui-Lo. No entanto, é fato que “os candidatos ao batismo não têm sido tão escrupulosamente examinados em relação ao seu discipulado quanto deveriam ser”.² Nunca deixaremos de ter apostasias, pois, mesmo no grupo discipulado pelo próprio Cristo, ela existiu. No entanto, a liderança da igreja deve ajudar cristãos imaturos a se desenvolverem espiritualmente a ponto de estarem prontos para resistir ao mal e permanecer inabaláveis na fé (Ef 6:13).

As igrejas adotam programas de discipulado de novos membros. Apesar de suas qualidades, alguns desses enfatizam apenas um aspecto da experiência do discipulado. Se se identifica que as apostasias acontecem por falta de conhecimento bíblico, adota-se um programa de



discipulado concentrado na doutrinação. Se os ex-membros apontam a falta de amizades na igreja como a causa do abandono da fé, cria-se um programa de discipulado que enfatiza relacionamentos, em detrimento de outros aspectos. Muitas vezes, novos membros são desafiados ao serviço e à missão sem um conhecimento bíblico básico. Uma proposta de discipulado deve ser completa para ser eficaz.

Este artigo apresenta cinco ênfases que não podem deixar de existir no processo de discipulado. Este só será completo se o discípulo se integrar à comunidade da igreja, adotar o estilo de vida cristã, habituar-se às práticas devocionais, conhecer a doutrina bíblica e engajar-se no serviço e na missão. Vejamos os cinco aspectos de um discipulado integral.



Aspecto comunitário

A amizade é muito eficaz para alcançar pessoas para o reino dos Céus e mantê-las nele. Independentemente de alguém ser extrovertido ou introvertido, como cristão, ele pertencerá a uma religião comunitária. Dificilmente uma pessoa é ganha para Cristo por influência de apenas um único discipulador. Um grupo foi responsável por trazê-la a Cristo, e uma comunidade será responsável por mantê-la em Cristo. No entanto, esse pode ser um dos aspectos

mais mal aplicados do discipulado. Fazer amizades na igreja é importante para conter apostasias, mas o social não prescinde o espiritual. Em algumas igrejas, “a preciosa palavra comunhão torna-se identificada com uma relação puramente horizontal de homem para homem, não com aquele relacionamento horizontal-vertical de homem para homem em Deus”.³ Se a igreja for apenas uma agremiação social, os relacionamentos que cativaram novos membros poderão também afugentá-los.

Aspecto comportamental

Alguns temem apresentar os altos padrões morais do cristianismo àqueles que evangelizam. Pensam que o interessado ficará desanimado diante de princípios de afastamento do mundanismo, códigos de vestimenta, restrições dietéticas, valores éticos e dedicação ao serviço a Deus e ao próximo. Receiam também evitar o legalismo que uma ênfase equivocada no comportamento possa resultar. Aliás, o legalismo é apontado como fator de desânimo e desistência da fé entre novos conversos.⁴

Não adianta, no entanto, evitar os temas de costume no processo de discipulado, pois “a vida do discípulo precisa de

rigorosa disciplina externa”.⁵ É uma falácia perigosa pensar que rebaixar as normas aumenta a adesão a um grupo religioso. Brenda Hale, citada por Michael Brown, apontou “que a Igreja da Inglaterra está em declínio precisamente porque faz pouquíssimas exigências de seus membros: ‘Não há regras alimentares, tampouco normas de roupas adequadas para homens e mulheres, e as coisas a que os adeptos têm de obedecer são muito poucas’”.⁶

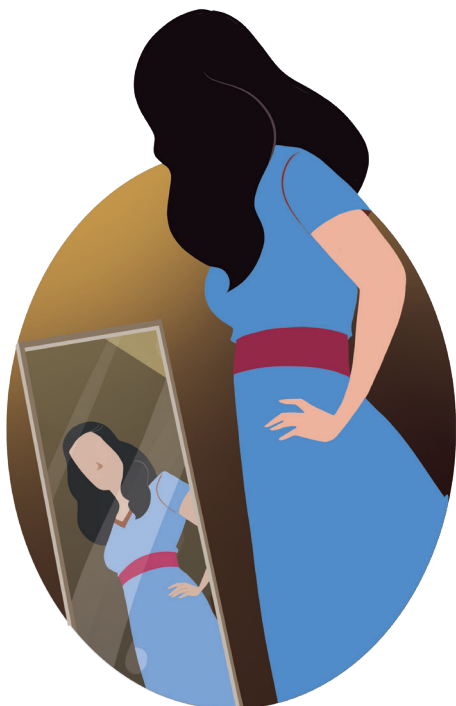
Um novo convertido jamais resistirá às tentações do mundo se não aderir a um estilo de vida cristão, com mudanças no vestuário, na alimentação, nas opções de entretenimento, na linguagem e na maneira de pensar, e se não desenvolver uma vida virtuosa. Dallas Willard disse que “podemos descrever a frase ‘ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado’ como a Grande Omissão da Grande Comissão de Mateus 28:19, 20”.⁷ O discípulo precisa descobrir a dinâmica de evitar a tentação e buscar a santidade. Ele deve aprender a contar com a ajuda do Espírito de Cristo no esforço, na renúncia e na disciplina envolvidos nessas mudanças. Assim como Jesus pagou um preço alto para salvá-lo, o discípulo precisa pagar um alto preço de renúncia e dedicação para se tornar quem Deus anela que ele seja.⁸ Quanto mais altos são os padrões morais apresentados, mais eles inspirarão comprometimento e engajamento na igreja.⁹



Aspecto doutrinário

Cristo ensinava a doutrina bíblica de maneira cativante (Mt 7:28; 22:33; Mc 11:18; Lc 4:32). Ele mesmo afirmou que conhecer a doutrina é indispensável para a vida cristã (Jo 7:17). Paulo Cilas da Silva apresenta quatro fatores que reforçam a necessidade de doutrinação: as falsas doutrinas do cristianismo pós-apostólico, as filosofias religiosas não bíblicas (existencialismo, ecumenismo, pluralismo, secularismo, espiritualismo), o mosaico religioso e as distorções doutrinárias.¹⁰

A doutrinação inicia-se antes do batismo e deve prosseguir como parte do que é ser membro da igreja. A pregação, as classes bíblicas, a Escola Sabatina, a leitura de livros, os estudos em pequenos grupos, e até mesmo retiros, vigílias e aulas são modalidades que devem ser usadas para a doutrinação.



O conhecimento teórico da doutrina não deve se opor nem substituir um sentimento de comunhão com Deus.¹¹ “A compreensão da doutrina deve ser com o propósito de ajudar as pessoas a se entregarem totalmente a Cristo”,¹² pois “toda verdadeira doutrina torna Cristo o centro, todo preceito recebe força de Suas palavras”.¹³



Aspecto espiritual

Além de Expositor teológico, Cristo foi Mestre da vida devocional. Ele, por pregação e exemplo, ensinou Seus discípulos a ter uma vida de profunda comunhão com Deus. Uma pessoa ligada a Cristo por meio de uma vida devocional ativa permanece ligada ao corpo místico de Cristo, Sua igreja. Ellen White, em um único texto, apresentou 18 disciplinas espirituais praticadas por Jesus: comunhão, serviço, entrega, temperança, pureza, obediência, simplicidade, estudo da Palavra de Deus, solitude, meditação, oração, cântico, testificação, contemplação, descanso, vigília, comunidade e orientação.¹⁴

Após descer do monte da transfiguração, Cristo demonstrou a Seus discípulos que uma vida espiritual profunda é o poder para vencer o mal (Mt 17:20-21; Mc 9:29).



Aspecto missionário

Envolver novos discípulos na missão é parte de seu discipulado, pois “todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário. Aquele que bebe da água da vida, faz-se fonte de vida. O depositário torna-se doador.”¹⁵

Alguns cometem o erro de imaginar que nomear um novo membro para um cargo na igreja irá comprometê-lo com a missão. No entanto, as funções eletivas da igreja são de liderança e, segundo o ensinamento de Cristo, é o serviço que prepara para a liderança, e não a liderança que forma o servo (Mc 10:42-44). Melhor é ocupá-lo com as mais diversas atividades relacionadas a alcançar pessoas para Cristo e capacitá-lo para ser uma testemunha do Mestre. “Quanto mais os discípulos estão envolvidos em compartilhar Cristo, mais desenvolverão suas habilidades e impulsionarão seu êxito”.¹⁶ Assim, compor uma dupla missionária com a pessoa que o discipulou é um estágio eficaz de discipulado. Afinal, “o teste infalível e absoluto do discipulado é o amor incondicional a Cristo e a paixão por salvar os perdidos”.¹⁷

Conclusão

O erro de muitos discipuladores é enfatizar somente um desses aspectos. Formam-se crentes relacionais, mas mundanos; doutrinados, porém fanáticos; bem-comportados, só que legalistas; fervorosos sem entendimento;

enfim, testemunhas que não têm de que testificar. O discipulado eficaz precisa ser integral, envolvendo coração (relacionamentos), mãos (comportamento), mente (doutrina), espírito (devoção) e boca (testificação). Só assim os ensinaremos a “guardar todas as coisas” (Mt 28:20). **TM**

Referências

- ¹ Márcio Tonetti, “Perda de fiéis é preocupante”, disponível em <<https://tinyurl.com/rhpj967>>, acesso em 26/2/2020.
- ² Ellen White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), p. 311.
- ³ Thomas Kelly, *Um Testamento de Devoção: Encontre paz e tranquilidade mesmo na agitação da vida moderna* (Brasília: Palavra, 2012), p. 55.
- ⁴ Jane Thayer, “Desafios da conservação”, *Ministério*, julho de 2010, p. 14.
- ⁵ Dietrich Bonhoeffer, *Discipulado* (São Paulo: Mundo Cristão, 2016), p. 132.
- ⁶ Michael Brown, “Why conservative churches are still growing”, disponível em <<https://tinyurl.com/wh3rb4g>>, acesso em 26/2/2020.
- ⁷ Dallas Willard, *O Espírito das Disciplinas: Entendendo como Deus transforma vidas* (Rio de Janeiro: Habacuc, 2003), p. 30.
- ⁸ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), v. 2, p. 354.
- ⁹ Dean M. Kelley, *Why Conservative Churches Are Growing: A study in Sociology of Religion* (San Francisco: Harper and Row, 1977), p. 112-153.
- ¹⁰ Paulo Cilas da Silva, *Séries de Estudos Bíblicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil* (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2003), p. 28-37.
- ¹¹ Alejandro Bullón, *Conhecer Jesus é Tudo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), p. 20, 90-94.
- ¹² Edson Menegheze Bonetti, *Discipulado: Uma igreja que cresce* (Cornélio Procopio, PR: edição do autor, 2007), p. 24.
- ¹³ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 6, p. 54.
- ¹⁴ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), p. 51-58.
- ¹⁵ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p. 195.
- ¹⁶ Michael Njagi Mbui, *Making Discipleship Simple* (Grantham, Inglaterra: Autumn House, 2013), p. 108.
- ¹⁷ Bonetti, *Discipulado*, p. 24.

FERNANDO DIAS

Editor na Casa Publicadora Brasileira



MISSÃO INTEGRADA

Uma proposta
prática para o
processo de
evangelização
urbana

Aguinaldo Guimarães

Como todo aluno de Teologia, sonhei com minha graduação e o início do meu ministério, pastoreando igrejas em algum lugar do Brasil. No entanto, quando concluí meus estudos, no final de 1998, não recebi nenhum chamado. Pela providência divina, um pastor ligou para o diretor do seminário pedindo a indicação de alguém recém-graduado para um projeto distrital de Missão Global. Esse foi o começo de minha jornada, em uma cidade do interior do Estado do Paraná, onde não havia presença adventista. Minha missão, ao lado de minha esposa e meus filhos, era plantar uma igreja em Ivatuba.

Não sei quanto a você, mas não fui incentivado a fazer isso no seminário. Pastorear um distrito já era assustador o suficiente para um recém-graduado; mas iniciar uma igreja do nada, contando apenas com a esposa, que também precisava cuidar dos

filhos pequenos, foi aterrorizante! No entanto, foi maravilhoso o modo de Deus ter conduzido nossos passos e nos preparado para desafios ainda maiores.

Em Ivatuba aprendi a pensar “fora da caixa” e a confiar inteiramente em Deus, porque, como mencionei, não sabia por onde começar. Próximo da cidade, cerca de 25 quilômetros, encontra-se o Instituto Adventista Paranaense (IAP). Dos funcionários e moradores da comunidade dessa instituição foi que recebi todo o apoio para iniciar a tarefa. Seguindo a sugestão do pastor distrital com quem eu trabalhava, fizemos uma Escola Cristã de Férias que teve a participação de quase 200 crianças. Ao longo do tempo, entrei em contato com os pais várias vezes e iniciei meus primeiros estudos bíblicos. No final, anunciei que estávamos abrindo os clubes de Aventureiros e Desbravadores para as crianças, além de

oferecer cursos de culinária para os adultos. Muitas pessoas se inscreveram para essas atividades.

Dois meses depois, fizemos o primeiro culto de sábado em minha casa, que se tornou a igreja. Fiquei na sala de estar com os adultos, enquanto minha esposa cuidava das crianças na garagem. As atividades que desenvolvemos eram personalizadas, de acordo com o contexto local e os recursos que conseguimos obter de amigos do IAP ou da comunidade. Ou seja, tive que me adaptar à realidade. Assim, nove meses após iniciar os trabalhos em Ivatuba, a Associação local me chamou para assumir um distrito. Como resultado de nossos esforços, já havíamos comprado um terreno, iniciado a construção de uma igreja, batizado 14 pessoas e estávamos estudando a Bíblia com mais 40 interessados.



Experiência diversificada

Meu primeiro distrito pastoral era no interior, mas quero destacar algo interessante sobre isso. Atualmente, o estilo de vida nas áreas rurais está se tornando cada vez mais urbano. Tecnologia e mídia também estão moldando as regiões interioranas, influenciando principalmente os mais jovens. Esse fato revela a importância de se compreender o mundo contemporâneo e, especificamente, a cidade, o bairro, a comunidade à qual somos designados para servir e alcançar outras pessoas com o evangelho.

Por cinco anos pastoreei distritos em áreas rurais e urbanas. Então, fui nomeado evangelista da Associação e pude expandir meus conceitos sobre missão e a importância do trabalho integrado. Nos três anos seguintes, estive envolvido no processo de evangelismo e plantio de novas congregações, além de estudar muito sobre missão e crescimento da igreja, especialmente os livros *Evangelismo*, *Obreiros Evangélicos* e *Serviço Cristão*, entre outros de Ellen White. O estudo combinado com a prática demonstrou que é essencial ter uma abordagem integrada e multifacetada da evangelização.

Após esse período como evangelista, fui convidado para ser professor de teologia aplicada no Seminário Teológico do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, atual Fadba, além de coordenar a prática pastoral dos alunos. Por quatro anos me dediquei totalmente ao estudo e ensino de missão e crescimento da igreja. Em 2010, meu último ano de trabalho no seminário, coordenei o plantio de 80 igrejas feito por estudantes de Teologia do terceiro ano.

Da Bahia me mudei para as Filipinas, onde vivi por dois anos como estudante do programa doutoral do Instituto Adventista Internacional de Estudos Avançados (IIIAS). Enquanto estava lá, recebi um convite para dirigir os departamentos de Evangelismo e Missão Global da Associação Paulista Leste, sediada em São Paulo. Entre minhas atribuições, estava o desenvolvimento do processo de evangelização e plantio de igrejas.

Nesse ponto, devo reconhecer que o tempo gasto nos estudos foi enriquecedor, mas que também eu já estava ensinando apenas o que vinha dos livros e das experiências de outras pessoas. Talvez, o maior aprendizado que tive após ser pastor distrital, evangelista, professor de Teologia e doutorando, que depois retornou à atividade prática em uma Associação, foi que a teologia aplicada, a missão urbana, não pode ser realizada de dentro de um escritório ou sala de aula.

Os livros são fundamentais, mas nada se compara a estudar e praticar. Isso significa que a missiologia, ou qualquer outro campo da teologia aplicada, deve ser aprendida por meio dos livros em diálogo com a atividade prática. De fato, o verdadeiro tesouro está na combinação dos dois. Tudo o que aprendi com os livros foi valioso, mas o que aprendi na prática foi ainda mais enriquecedor. No processo, descobri que algumas coisas que li na teoria não funcionavam muito bem no dia a dia.

Lições práticas

Permita-me resumir o que aprendi ao longo de meu período de estudos, mas,

especialmente, durante minha jornada ministerial, que começou quando plantei uma igreja em minha casa, numa cidade sem presença adventista.

Em primeiro lugar, não há regra fixa. Um método ou ação que funciona bem em um local específico pode não ter a mesma eficácia em outros lugares. Esse pode ser o maior desafio para a missão urbana. As cidades são dinâmicas e, embora tenham características em comum, encontramos singularidades em cada uma delas. Além disso, o avanço tecnológico e a globalização aceleraram essas mudanças de maneira assustadora. “Não importa para onde nosso futuro esteja indo, a tecnologia continuará mudando rapidamente, assim como as gerações futuras continuarão se adaptando a ela.”¹¹

Diante dessa realidade, deixe-me apresentar uma forma de abordar a missão urbana usando a imagem abaixo.





Antes de mais nada, apesar da necessidade de contextualização à realidade local, toda ação precisa ser fundamentada em princípios bíblicos imutáveis e jamais deve comprometer a identidade singular e profética da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Todo o processo de evangelização urbana deve ser integrado, seguindo passos simples e diretos e levando em consideração duas realidades: a comunidade de fé e o contexto urbano, que consiste nas pessoas que serão alcançadas.

Assim, o pastor deve conhecer a realidade do lugar que pretende evangelizar. A análise do contexto é fundamental para o desenvolvimento das atividades evangelísticas ou da abordagem missionária, e esse estudo envolve a pesquisa de dados demográficos, sociológicos, culturais, religiosos e linguísticos.

No entanto, embora as informações provenientes da internet, da prefeitura, dos centros de saúde e de pesquisa sejam importantes, precisamos nos relacionar com os moradores, conhecer seus sonhos, medos, realidades e desafios. Em outras palavras, devemos nos misturar com as pessoas que queremos alcançar com o evangelho eterno. Precisamos ser pastores que ganharam “a confiança da comunidade e aprenderam a construir relacionamentos nessa área”, isso “envolve a disposição de ser um aprendiz”.²

Depois de conhecer as pessoas da comunidade e aprender sobre a realidade delas, por meio da análise e convivência mencionadas, vamos ao terceiro passo. Quem são seus colegas de missão? Existem igrejas na localidade? Se você está

plantando uma nova igreja, existe um núcleo de líderes que o apoiarão e participarão ativamente do processo?

Se houver igrejas na região, pesquise a história delas, bem como sua condição atual. Verifique o perfil socioeconômico dos membros. Esse perfil é compatível com a maioria das pessoas da comunidade? Eles têm condições e/ou mentalidade para trabalhar com um perfil diferente do deles? Quem são os principais líderes? Quais são os dons deles? Eles estão motivados e têm a visão correta? Em suma, a tarefa de um missionário urbano eficiente não se limita à exegese da Bíblia. Ele deve ir além e se tornar um exegeta da comunidade e das pessoas a quem ele deseja alcançar, bem como de sua igreja e dos companheiros de missão.

A partir dessas informações, o evangelista deve refletir: como sua igreja e seus colegas, com seus dons e recursos, podem suprir e alcançar as pessoas da comunidade, conforme sua realidade local e diante de seus desafios e necessidades?

Na sequência, temos o quarto passo: capacitar a equipe de trabalho. Deve-se dedicar algum tempo ao estudo e a algumas definições. Por exemplo, qual é nossa missão, visão e estratégia? Quais são as oportunidades e obstáculos que podemos enfrentar? Como desenvolver ministérios relevantes para nossa realidade? Em outras palavras, deve-se investir tempo no ensino e na organização das ações. Isso nos leva ao quinto passo: o planejamento.

A partir do planejamento, começa a haver ações diretas e intencionais que devem

ser avaliadas simultânea e constantemente (sexta etapa), levando à sétima etapa, a implementação de adaptações necessárias. Cada uma das etapas é fundamental, e a seguinte começa enquanto a anterior ainda está em andamento. É um processo constante e dinâmico, sem regras fixas, porque essa é a realidade do contexto urbano.

Outro ponto importante é desenvolver um trabalho equilibrado entre a revitalização e o plantio de igrejas. Novas áreas devem ser alcançadas, e as que já têm presença adventista precisam ser constantemente revitalizadas para se tornarem relevantes para a comunidade em que se encontram.

Todo esse processo deve estar ligado ao calendário oficial da Associação/Missão, distrito pastoral ou igreja local. Assim, todo pastor, líder e membro conhece seu papel e, juntos, como um corpo, podem avançar harmoniosamente, sendo e fazendo discípulos para o Senhor Jesus em sua própria cidade ou em qualquer lugar que Deus os enviar. **IV**

Referências

¹ Esraa Aburass, “Technology has changed the way a whole generation practices religion”, disponível em <<https://tinyurl.com/uzfndoj>>.

² John Fuder, *Philosophy and Practice of Urban Ministry*, (Bellingham, WA: Lexham Press, 2016).

AGUINALDO GUIMARÃES

Líder da Igreja Adventista para a região Leste e Norte de São Paulo



SERMÕES INESQUECÍVEIS

O poder transformador
da pregação narrativa

Richard Duerksen

A pregação narrativa começa com a busca por histórias, e isso começa com o ato de estimar as pessoas a ponto de ouvir suas esperanças, dores, necessidades, lágrimas; enfim, escutar seu coração. Se isso não ocorrer, as histórias escolhidas ou ilustrações de sermão não serão adequadas e não ajudarão seus ouvintes a se tornarem plenos. Por outro lado, se você ouvi-los, perceberá quando corações partidos precisam ser abraçados ou corações irados devem ser acalmados.

Enquanto você escuta as pessoas, narrativas que refletem a vida dos membros surgirão em seu coração, implorando para serem contadas de maneira a reunir a família da fé diante de Deus, levando as pessoas a acreditar que as

Escrituras falam hoje tanto quanto falavam antigamente.

Além disso, quando você se dispõe a ouvir as pessoas, seus sermões se tornam transformacionais, uma experiência compartilhada semanalmente que responde a perguntas com as quais elas lutam no dia a dia. Elas compartilham histórias da vida entre si, e geralmente deixam Deus de fora delas.

Seu ministério, seus sermões, podem mudar isso. Eles podem tornar Deus tão real às pessoas que Ele Se tornará a essência de suas histórias. Como dizem Ryan Mathews e Watts Welker: "Muito antes de o primeiro negócio formal ser estabelecido, antes do primeiro acordo, as cinco palavras mais poderosas em qualquer idioma eram 'deixe-me contar uma história.'"

A pregação narrativa não ignora Deus, as doutrinas nem a exposição bíblica. Ela se baseia em tudo isso, tecendo-os com histórias que tornam significativas a verdade divina no mundo em que vivemos. Essas histórias ilustram os preceitos da verdade, cobrindo-os de pele e dando-lhes fôlego de vida. Peça continuamente ao Senhor que lhe revele as histórias que Ele quer contar. Sem um relacionamento pessoal entre Deus e o pregador, os sermões se tornam como palha em terra seca.

Eu costumava me perguntar: "O que devo e como devo pregar?" Então, um dia um professor me fez refletir ao dizer que eu estava pregando apenas para mim, não para as pessoas. Agora me pergunto: "Como esse público ouve e o que



gostaria de ouvir?” A verdade bíblica é atemporal, mas a maneira de cada geração ouvir e se apropriar da verdade é bem diferente. Perguntar como meus ouvintes escutam me forçou a perceber como eles vivem. Eles olham para seus smartphones. Eles tiram mil fotos. Eles assistem a vídeos e filmes em várias plataformas. Eles deixam a TV ligada durante as refeições. Geralmente, quatro ou cinco dispositivos são ligados ao mesmo tempo, e todos eles reproduzem imagens e histórias, em vez de fatos.

Nos “velhos tempos”, as pessoas pareciam satisfeitas com um sermão estruturado em três pontos e um poema. Atualmente, isso não funciona mais. Então, pensei: E se eu pregasse de maneiras

que correspondem ao modo com que eles estão ouvindo? Depois de tentar isso por quatro décadas, descobri cinco razões pelas quais a pregação narrativa é uma boa ideia.

Vantagens da pregação narrativa

Em primeiro lugar, a pregação narrativa *toma informações complexas e as torna simples, compreensíveis e práticas*. Se minha congregação tem dificuldades para encontrar uma forma de responder à violência, desconfiança e exploração na sociedade, vou a 2 Reis 5 e analiso a história da menina israelita que testemunhou sobre Deus na casa de Naamã. Ela permaneceu fiel ao Senhor e sua postura ajudou a fechar uma brecha entre as nações.

Uma história simples como essa cria a oportunidade para uma conversa sobre como ser “filho de Deus” em nossa comunidade.

Além disso, a pregação narrativa é *mais do que informativa, mas transformacional*, entrando no coração e na mente, dando a Deus maior acesso à alma. Algumas pessoas já me disseram: “Você não me conhece, mas quando eu era adolescente, você pregou em minha escola e contou a história de Elias fugindo de Jezabel. Essa história mudou minha vida e me ajudou a ver Deus de maneira diferente. Penso nisso toda vez que estou em uma situação difícil.”

Eu poderia ter pregado um sermão estruturado em três pontos explicando por que é tolice fugir dos problemas. Poderia ter compartilhado 12 textos que provam que Deus nunca nos deixa, mesmo quando O deixamos. Poderia ter apresentado vários argumentos fundamentados em fatos. Em vez disso, escolhi contar a história de um Deus amoroso que correu com um profeta vacilante em sua jornada até o Céu.

A pregação narrativa também permite *alcançar um público mais amplo*. Da próxima vez que você pregar, observe se as crianças estão ouvindo. Descobri algo fascinante sobre a pregação. Quando conto histórias, todo mundo escuta. Uma boa história, bem contada, captura a mente e o coração, independentemente da idade. Se escutei bem o que diz minha comunidade, a história que conto à minha congregação ajudará a esclarecer os desafios que os profissionais de saúde estão enfrentando, será significativa para os adolescentes que se apaixonam e útil para as mães que amamentam seus bebês.

Qualquer apresentação elaborada para promover mudança de vida requer acesso à mente e ao coração. Você não pode ganhar um sem o outro. A pregação narrativa *convence a mente da verdade e, ao mesmo tempo, enche o coração de esperança*. Aqui está outra maneira de explicar o que acontece com a pregação narrativa.

Para pessoas sentimentais, as emoções de uma história interessante permitem que a “verdade” entre e capture a mente e o coração. As pessoas racionais, por outro lado, concentram-se na “verdade” e, de repente, sentem o coração tocado.

Finalmente, a pregação narrativa *resulta em escuta interativa* e, quando todos estamos juntos na história, o resultado é compreensão e impacto. Narrativas exigem respostas. Boas histórias me envolvem emocionalmente até eu fazer parte do enredo, da tensão, dos desafios, das oportunidades e, finalmente, da resolução. Um sermão narrativo faz com que os ouvintes façam perguntas, busquem mais informações, avancem e se tornem parte da história à medida que você a conta.

O que o melhor sermão narrativo faz é estabelecer uma conexão entre o público, o pregador e os personagens da história. Uma história bem contada cria algo novo a partir de uma experiência genuína, e essa é uma das maneiras mais poderosas de ligação que existe. Lembre-se, porém, de que isso é mais do que contar uma história, é aproximar de Deus as pessoas.

Como contar histórias

Vimos por que sermões narrativos são uma boa ideia. Agora veremos como contar histórias. Jesus, o maior Contador de histórias de todos os tempos, tinha uma abordagem única para se comunicar por meio das narrativas. Ele contou histórias para que as pessoas não entendessem a mensagem que estava enviando (ver Lc 8:10). Então, à noite, ao redor da fogueira, interpretava as histórias a Seus seguidores mais próximos, para que pudessem explicá-las às pessoas – e a nós.

Cristo sabia que se dissesse claramente o que tinha a dizer, Seu ministério chegaria ao fim precocemente. Para que a mensagem fosse absorvida lentamente e ficasse na mente de Seus ouvintes, Jesus usou histórias, parábolas e narrativas que diziam a verdade de maneira mais eficaz do

que se Ele desse três argumentos e possivelmente fosse apedrejado.

Ele não contou apenas parábolas. Ele recontou histórias do Antigo Testamento, referiu-se a notícias contemporâneas, falou sobre o trabalho de um fazendeiro ao semear o campo e ilustrou a generosidade da fé com uma pequena semente de mostarda.

Como desenvolver a capacidade de fazer pregações narrativas? Gostaria de compartilhar algumas dicas.

Use palavras simples. Palavras simples são as melhores, especialmente para iniciantes. Linguagem rebuscada, múltiplos adjetivos e descrições áridas mais atrapalham do que ajudam. Finja que você está falando com uma criança de 12 anos. Isso forçará você a usar descrições simples. Surpreendentemente, quando você se concentra em crianças de 12 anos, todo mundo ouve.

Leia bastante. Leia para ver como os outros contam histórias. Leia para encontrar palavras que você nunca usou. Leia bons testemunhos e biografias. Leia o que seu público está lendo, a fim de que suas histórias o ajudem a preencher os quebra-cabeças da vida.

Escolha frases descritivas. Com cuidado, comece a usar algumas frases lapidárias descobertas em suas leituras. Essas frases, pérolas que contadores de histórias usam para iluminar as ilustrações, vão esclarecer emoções, ligar os ouvintes à sua história e proporcionar momentos em que a narrativa ficará mais próxima de cada coração.

Conecte-se com o conhecido. Sua história cativará o público se conectá-lo a uma história maior que ele conhece.

Fontes de histórias

A maioria das narrativas bíblicas fornece o básico: um personagem crível, um problema, muita complexidade, algo positivo e uma celebração. Pense em Jonas e seu medo de fazer a vontade de Deus; na viúva de Sarepta, a quem Deus providenciou para cuidar de Elias; ou no coxo do tanque de Betesda.

Além disso, existem as histórias que você coleta a cada semana, que servem como boas ilustrações. Lembre-se de que os sermões narrativos requerem uma boa e constante escuta. Por isso, acompanhe os sites de notícia, dê estudos bíblicos, tome uma refeição com três bons amigos um dia por semana, leia revistas cristãs e ouça as notícias no rádio. Geralmente, as melhores histórias surgem enquanto você trabalha para Deus. Sua família também pode ser uma fonte de ilustrações, mas tenha cuidado ao fazer isso. Suas histórias nunca devem ser contadas para auto-promoção, tudo deve ser direcionado para glorificar somente a Deus. Por último, sempre diga a fonte da ilustração.

Conclusão

O refrão de uma música cristã diz: “Saberão quem nós somos pelo amor.” Se você primeiro investe tempo ouvindo a voz de Deus e depois demonstra quanto gosta de ouvir a família da igreja, o Senhor o guiará a contar histórias que lidam com as necessidades das pessoas e lhes dão esperança. Essa esperança produzirá uma disposição profunda que encherá a igreja de afirmação, estudo e regozijo.

A pregação significativa é construída sobre o fundamento da oração, do estudo da Bíblia e do poder do Espírito Santo. Esses elementos, misturados com partes iguais de determinação e humildade, fornecem a voz certa para que o amor de Deus conquiste até o coração mais endurecido. E esse deve ser o propósito de cada pregador. **TM**

Referência

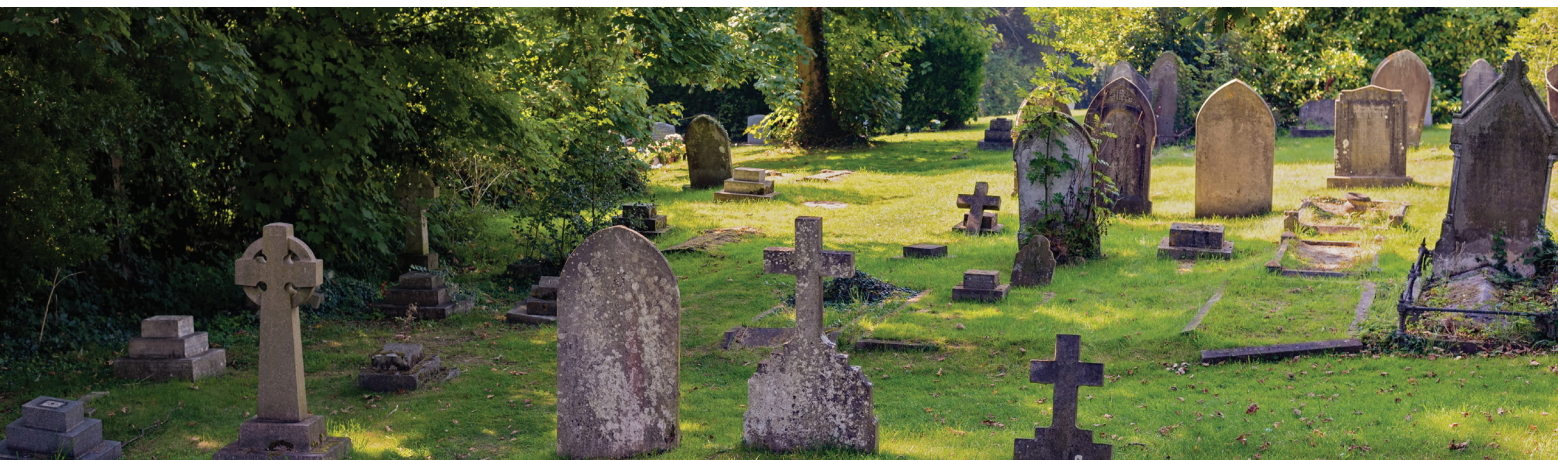
Ryan Mathews e Watts Wacker, *What's Your Story? Storytelling to Move Markets, Audiences, People, and Brands* (Upper Saddle River, NJ: FT Press, 2007), p. 1.

RICHARD DUERKSEN

Membro da equipe de comunicação da Igreja Adventista para o estado de Oregon, Estados Unidos



TRISTE RETORNO



Havia chegado a hora de regressar ao hotel a fim de me preparar para viajar. Os membros me pediram que não fosse. Eles temiam que os homens que estavam tentando me matar estivessem escondidos ao longo do caminho. Mas eu disse que precisava ir porque já estava fora de casa havia cinco meses, e eu tinha deixado minha esposa com nossos dois filhos pequenos em Buenos Aires.

Tempos depois, eu soube que aqueles homens haviam preparado uma emboscada próximo ao hotel para me matar. No entanto, Deus me protegeu. A uma da manhã deixei o hotel e iniciei a viagem a cavalo. Depois de uma longa cavalgada, cansado e exausto, cheguei ao porto para tomar o barco. Era uma pequena embarcação a vapor que balançava muito e deixava todos mareados. Eu tinha pouco dinheiro, comprei uma passagem na terceira classe e dormi em um beliche sem colchão. Após uma parada no Rio Grande do Sul, seguimos viagem para Montevidéu durante vários dias. De lá, navegamos pelo Rio da Prata até Buenos Aires.

Quando cheguei em casa, minha esposa e nosso filhinho de quatro anos me receberam à porta, mas a pequenina Helen não apareceu. Quase não houve necessidade de perguntar o que havia acontecido.

A expressão de dor no rosto de minha esposa dizia tudo. Helen havia morrido duas semanas antes e tinha sido sepultada em um campo remoto, destinado aos estrangeiros, no cemitério de La Chacarita. Minha esposa havia enviado várias cartas, comunicando a enfermidade e morte de nossa filha, mas nenhuma chegou às minhas mãos.

Ela me contou o que havia acontecido. O casal Craig havia dado estudos bíblicos para uma jovem inglesa, Ethel Threadgold, e quando regressaram para os Estados Unidos a deixaram como professora da escola que, até então, havia funcionado na casa deles. A pequena escola foi transferida para um dos cômodos de nossa casa, e Ethel também passou a morar conosco. Pouco tempo depois da minha partida, algumas crianças, alunos da escola, contraíram sarampo e escarlatina e infectaram a escola. A pequena Helen, nossa filha de apenas 18 meses, contraiu sarampo. Quando ela estava quase recuperada, foi atacada pela escarlatina e veio a falecer. Carlos, nosso filho mais velho, também contraiu escarlatina.

Ela me disse que um casal de missionários de outra denominação a acompanhou no funeral de nossa filha. Mas quanto ela almejava que eu estivesse presente!

Ninguém mais esteve lá. Jesus foi Seu consolador único. Ela havia deixado Carlos em casa, muito doente, e temeu ter de voltar ao cemitério no dia seguinte para sepultá-lo junto de sua irmãzinha. No entanto, Deus a livrou dessa dor.

Nosso coração sangrava enquanto ela contava os detalhes de como nossa filhinha havia perdido a batalha contra a morte. Mas não nos queixamos. Ao contrário, essa experiência dolorosa nos fez entender mais claramente o maravilhoso amor de Deus. Compreendemos quão grande foi o sacrifício de nosso Pai Celestial ao dar Seu único Filho para morrer também, de maneira trágica, em uma Terra estranha. Reconsagramos nossa vida ao Senhor e à Sua obra, para seguir trabalhando fielmente, até aquele glorioso dia em que Jesus voltará e devolverá a pequena Helen aos braços de sua mãe. **IM**

Referência

Extraído de *Hasta el Fin del Mundo: Liderando la misión em Sudamérica* (Editorial UAP, 2017), p. 24-26.

FRANK WESTPHAL

Primeiro pastor adventista na América do Sul



RIR É COISA SÉRIA

Fortaleça o relacionamento com seus filhos por meio das brincadeiras

Richard Daly



Minha esposa costumava dizer que tinha quatro crianças em casa, nossos três filhos e eu. Tornar-me criança e brincar com eles acabou sendo um dos meus melhores remédios contra o estresse. Eu tinha permissão para fazer coisas bobas como rolar no chão, brincar de pega-pega e emitir sons engraçados. Tudo isso provocava a única coisa que muitas vezes havia deixado de fazer: rir. Então, para mim, ser um pai brincalhão era mais terapêutico do

que qualquer outro recurso que a vida pudesse me oferecer. E os benefícios para o relacionamento pai-filho foram enormes.

Atualmente meus filhos são adolescentes. Ser um pai brincalhão exige um tipo diferente de brincadeira agora. Mas os alicerces de um relacionamento sólido construído por meio da diversão e de fazer coisas juntos permanecem em nossa memória.

Nossa última aventura foi em um parque de diversões, onde andamos na montanha-russa. Quando eles eram mais

novos, não podiam ir comigo nesse brinquedo. Agora, acima da altura mínima, eles quiseram ir e insistiram que eu os acompanhasse. "Vamos, pai!", disseram. "Ou você está com medo?" Essas palavras me provocaram, então aceitei o desafio. É desnecessário dizer que fiquei muito feliz quando a brincadeira acabou. No caminho, descobri que havia criado uma nova geração de apaixonados por montanhas-russas que insistiam em que eu sentisse a emoção com eles a cada volta.



Efeitos positivos

Um artigo do *Belfast Telegraph*¹ relata que pesquisadores do Imperial College de Londres, do King's College de Londres e da Universidade de Oxford analisaram como os pais interagem com seus filhos, e depois mediram o desenvolvimento cognitivo. As crianças cujos pais apresentaram comportamento mais retraído e deprimido quando elas tinham três meses tiveram uma pontuação mais baixa nos testes cerebrais que incluíram o reconhecimento de cores e formas.

“A mensagem clara para os novos pais aqui é ficar e brincar com seu bebê.”² Muitas pesquisas semelhantes parecem confirmar que brincar com seu filho traz uma riqueza de resultados positivos futuros que superam em muito a alegre experiência do momento.

Efeitos emocionais

Ser um pai brincalhão também ajuda muito no desenvolvimento emocional da criança, uma dinâmica que, segundo Paul Roberts e Bill Moseley, “se torna mais evidente à medida que os relacionamentos entre pais e filhos entram em seu segundo e terceiro ano. Ao brincar, os pais tendem a ser mais físicos com as crianças - descansando, brincando de pega-pega, etc. – enquanto as mães enfatizam as trocas verbais e a interação com os objetos, como brinquedos. Em quase todos os casos, [...] os pais são muito mais propensos a ‘deixar os filhos inquietos, negativa ou positivamente, com medo e prazer, forçando-os a aprender a regular seus sentimentos’.

“De certa forma, os pais incentivam os filhos a lidar com o mundo fora do vínculo mãe-filho [...] “Primeiro, as crianças aprendem a ‘ler’ as emoções de seu pai por meio de suas expressões faciais, tom de voz e outras sugestões não verbais, e respondem de acordo [...] “Segundo, as crianças aprendem a comunicar claramente suas próprias emoções aos outros”,³ ao chorar, não responder nem divagar. “Finalmente, as crianças aprendem a ‘ouvir’ seu próprio estado emocional. Por exemplo, uma criança logo descobre que, se ficar ‘estressada’ e começar a chorar, poderá afastar seu parceiro de brincadeira.

“As consequências desse domínio emocional são de grande alcance.”⁴ Portanto, existem vínculos entre a qualidade das interações pai-filho e o desenvolvimento posterior de certas habilidades na vida da criança, incluindo a capacidade de lidar com a frustração, a vontade de explorar coisas novas e a persistência na resolução de problemas.

Efeitos sociais

Tão importante quanto aprender a regular a intensidade emocional de suas interações é a capacidade de as crianças desenvolverem uma comunicação social interativa. Roberts e Moseley defendem que “as crianças que aprendem a decodificar e codificar emoções em seus primeiros anos terão melhor desempenho mais tarde quando estiverem em qualquer encontro social.”⁵

Eles também estudaram esses benefícios na área de relacionamentos entre irmãos, concluindo: “As ‘lições’ de gerenciamento de emoções que as crianças aprendem de seus pais durante as brincadeiras são posteriormente aplicadas nas interações com irmãos e, finalmente, com pessoas de fora da família, levando a mais cooperação e menos brigas.”⁶

Efeitos negativos

Os pesquisadores também descobriram que “enquanto a abordagem mais íntima e relacionada à mãe, em geral, continua a consolidar seu vínculo com os filhos, o estilo mais brincalhão do pai perde seu apelo. Aos oito ou nove anos, uma criança já pode estar entediada ou irritada com as provocações de seu pai.

“Essa discrepância geralmente se torna evidente quando os filhos atingem a adolescência. Pesquisas sugerem que pré-adolescentes e adolescentes de ambos os sexos continuam a confiar na mãe em busca de intimidade e suprir necessidades, e a preferem cada vez mais em áreas que exigem sensibilidade e confiança. Em contraste, [...] o estilo brincalhão que fica tão bem no pai durante a infância pode começar a alienar os adolescentes, dando-lhes a impressão de que ele não leva a sério seus pensamentos e necessidades.”⁷

“Supõe-se que o estilo menos íntimo do pai possa facilitar, embora não seja mais agradável, que ele fique com a parte ‘pesada’. Seja como for, os adolescentes passam a ver o pai como alguém mais severo e distante.”⁸

“Claramente, a distância entre pais e filhos adolescentes não é apenas resultado da brincadeira dos pais na infância. Uma função central da adolescência é o movimento gradual da criança em direção à autonomia emocional e física de ambos os pais.”⁹

“Até os pais mais dedicados descobrem rapidamente que o caminho para a paternidade moderna está repleto de obstáculos [...] Jerrold Lee Shapiro, professor de psicologia na Universidade de Santa Clara, diz que entender seu relacionamento com seu pai é o primeiro passo. Caso contrário, você vai repetir automaticamente e inconscientemente as coisas da sua infância.”¹⁰

Diversão cotidiana

Há algo de especial na brincadeira que cria sentimentos e memórias felizes e genuínas. Aprendi que criar atividades divertidas não exige levar as crianças para grandes eventos nem gastar muito dinheiro. São coisas simples como brincar de cavalinho, jogar bola ou cantar juntos. Isso faz a diferença. Revista de diversão as atividades cotidianas, como levar seus filhos à escola, comer juntos ou prepará-los para dormir. Esqueça as listas de tarefas momentaneamente e adicione um pouco de leveza à sua paternidade.

Tempo de qualidade

Como pastor de várias igrejas, constantemente precisei reavaliar meu tempo. Isso ficou mais claro para mim certa noite, quando eu estava em uma visita pastoral. No meio da visita, o pai pediu desculpas, dizendo que precisava preparar os filhos para dormir e contar uma história para eles. Após essa visita, decidi fazer mudanças significativas em minha agenda pastoral.

Muitos pais acreditam que, desde que tenham algum tempo de qualidade com seus filhos no fim da semana, isso compensará as horas ausentes durante o restante da semana. Embora horas mais longas tenham seu valor, pesquisas mostram que períodos mais curtos, porém mais consistentes, todos os dias, têm resultados mais gratificantes.

Quando se trata de responder sobre o que é melhor, tempo de qualidade ou quantidade, precisamos reconhecer que os dois são igualmente importantes.

Um estudo publicado pela Academy of Management Perspectives em 2015 sugeriu que os pais que passam mais tempo com seus filhos terão maiores níveis de satisfação no trabalho do que aqueles que não fazem isso.¹¹ Por sua vez, outro estudo, publicado em 2006, afirmou que “desde o nascimento, as crianças que têm um pai envolvido têm maior probabilidade de ser emocionalmente seguras, confiantes em explorar o ambiente e, à medida que envelhecem, têm melhores conexões sociais com os colegas. Também é menos provável que elas tenham problemas em casa, na escola ou na vizinhança.”¹²

Conexão constante

Como os pais ainda podem brincar com seus filhos adolescentes, envolvidos em um mundo totalmente novo de entretenimento? Uma resposta fácil é: simplesmente juntando-se a eles. Um dia, meu filho de 14 anos estava jogando videogame. Quando perguntei se poderia jogar contra ele, meu garoto respondeu com um sorriso, como se dissesse: “Bem-vindo ao meu mundo!” Senti a empolgação de meu filho apenas por saber que havia feito uma tentativa de entrar em seu domínio e provar o que ele acha interessante. É desnecessário dizer que perdi feio, algo que lhe deu grande prazer. Por 15 minutos, brincamos e conversamos, o que foi uma oportunidade valiosa.

Entrar no mundo dos adolescentes significa entender o que eles gostam de fazer. Isso cria um profundo sentimento de gratidão. Embora os amigos e outros interesses possam anular a influência que receberam de nós quando crianças, manter contato com eles e não recuar muito é a chave. Ainda que o tipo de brincadeira seja diferente, construir um relacionamento forte com o adolescente não envolve nada além de estar ao seu lado.

Transmissão de valores

A disposição de Cristo de separar tempo para as crianças, apesar de Sua agenda lotada de ensino e cura, é um exemplo perfeito para nós, pais. Ele não apenas reforçou a importância das crianças no reino de Deus, mas também deu uma lição valiosa sobre o que deveria ser prioridade para os pais hoje, apesar das pressões do tempo e das demandas da vida.

Manter-se ligado ao seu filho adolescente abrirá novas portas de atividades divertidas que podem variar de sair juntos para refeições rápidas, participar de um evento esportivo ou, ousado dizer, andar nas maiores montanhas-russas. São as impressões das atividades divertidas que permanecerão com seu filho em crescimento e farão com que ele transfira essas práticas, quando for a vez dele. **TM**

Referências

¹ Ella Pickover, “Playful Dads ‘Have Babies Who Grow to Be Brainier’”, disponível em <<https://tinyurl.com/w7zktaq>>, acesso em 26/2/2020.

² Pickover, “Playful Dads”.

³ Paul Roberts e Bill Moseley, “Father’s Time: Understanding the Challenges of Fatherhood”, disponível em <<https://tinyurl.com/r9e4usu>>, acesso em 26/2/2020.

⁴ Roberts e Moseley, “Father’s Time.”

⁵ Ibid.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Nedune, “Seven Reasons Why It’s Essential Children Spend Time With Their Fathers”, disponível em <<https://tinyurl.com/sfu78rr>>, acesso em 26/2/2020.

¹² Jeffrey Rosenberg e W. Bradford Wilcox, *The Importance of Fathers in the Healthy Development of Children* (Washington, D.C.: U.S. Department of Health and Human Services, 2006), p. 12.

RICHARD DALY

Líder de comunicação para a Igreja Adventista na Inglaterra



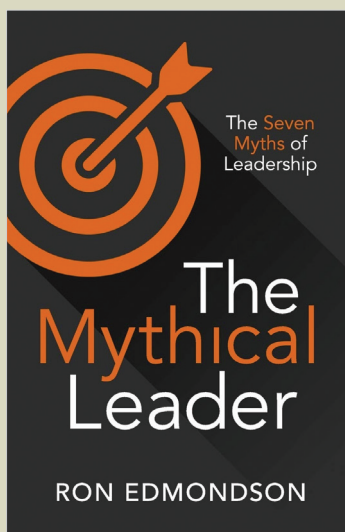
Meditações em áudio

Conteúdos atualizados todos os dias para os seus

#MOMENTOSCOMDEUS



Disponíveis nos melhores serviços de *streaming*

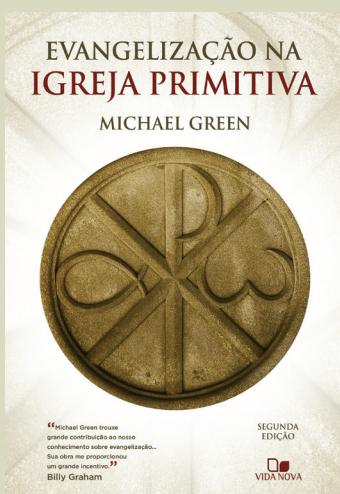


The Mythical Leader: The seven myths of leadership

Ron Edmondson, Thomas Nelson, 2017, 226 p.

Para se tornar um líder eficaz, é imperativo esclarecer equívocos sobre liderança que têm permanecido ao longo do tempo. Neste livro, Ron Edmondson, pastor, blogueiro, plantador de igrejas e consultor de liderança, analisa de maneira crítica sete mitos comuns sobre liderança e provê um guia prático que incentiva, desafia e inspira os leitores a se tornarem melhores líderes em suas igrejas, comunidades e no desempenho de suas atribuições.

Ele usa experiências pessoais e instruções práticas para dar ideias interessantes de como esses mitos sobre liderança podem ser corrigidos. Para evitar o *burnout*, Edmondson desafia os líderes que “capacitem outros e descansem. Essa é a melhor maneira de sobreviver e ser bem-sucedido como líder” (p. 194). A obra é um recurso valioso para pastores, líderes e aspirantes à liderança.



Evangelização na Igreja Primitiva

Michael Green, Vida Nova, 2ª edição, 2020, 352 p.

Trata-se de um livro clássico que proporciona ao leitor um olhar abrangente sobre os métodos usados pelos cristãos apostólicos, desde os primórdios do cristianismo até o terceiro século.

Ao descrever o estilo de vida da igreja primitiva, Michael Green explora aspectos fundamentais da evangelização, ou seja, métodos, estratégias e iniciativas que permanecem aplicáveis ainda hoje na proclamação das boas-novas. Ao longo dos capítulos desta segunda edição, o autor avalia os pontos fortes e fracos das abordagens evangelísticas dos primeiros cristãos. Ele também analisa os obstáculos ao evangelismo tendo como base as iniciativas missionárias em favor dos gentios e dos judeus, exemplos de desafios diferentes à propagação do evangelho.



Amores Básicos: O que faz a vida valer a pena

Victor M. Armenteros, Casa Publicadora Brasileira, 2019, 120 p.

Deus é amor. Esse é o resumo da revelação divina. Assim, é impossível sentir e compartilhar o mais nobre dos sentimentos sem conhecer Sua fonte suprema e materialização absoluta.

Para expressar Seu infinito e incompreensível amor, Deus resolveu esculpir: criou homem e mulher, implantou neles o que sente por nós e os uniu em casamento. No matrimônio ideal, habita a semente da vida abundante, a frutificação da existência e a multiplicação da imagem divina.

Amores Básicos é uma bela e profunda reflexão sobre Deus, amor e casamento. Com sensibilidade artística e refinado conhecimento linguístico, esses três elementos são expostos a partir da perspectiva bíblica. Sem abrir mão da leveza e da poesia, o autor transmite importantes lições para a vida a dois.

“O debate sobre as visões do concílio divino com foco em Isaías 6 e Apocalipse 4”

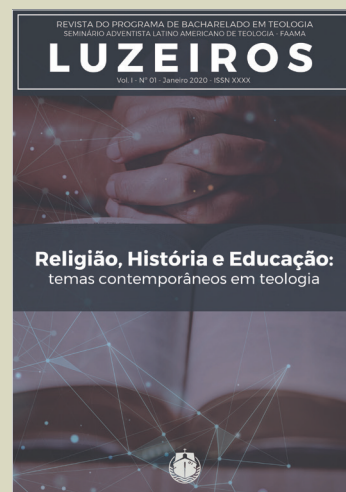
Revista Luzeiros, v. 1, Nº 01, 2020, p. 234-253

Harryson de Sousa Brabo e Ezinaldo Ubirajara

(<http://luzeiros.faama.edu.br/index.php/luz01/article/view/13>)

Muitas referências do Antigo Testamento são encontradas no Novo Testamento, talvez como releituras ou alusões. Por exemplo, os relatos visionários de Isaías, Ezequiel, Daniel e João, conhecidos como Visões do Trono ou Tribunal/Concílio Divino, podem levar o leitor a indagar: “Os eventos narrados são os mesmos?”

A finalidade deste artigo é expor as principais obras sobre o assunto. O trabalho é de cunho bibliográfico. Ele explora publicações específicas sobre os livros de Isaías e do Apocalipse, comentários bíblicos, introduções ao Antigo e Novo Testamentos e outras obras literárias. Também analisa o tema na tradição judaica e suas comparações entre literaturas de outros povos. Além disso, destaca as similaridades entre as visões de Isaías 6 e Apocalipse 4 e analisa as duas principais palavras para “visão”. Desse modo, oferece um sistema que serve como guia para futuros trabalhos dentro do assunto.



“Origem e desenvolvimento da crença no limbo”

Revista Hermenêutica, v. 16, nº 2, 2016, p. 45-67

Everton Correa C. dos Santos e Natan Fernandes Silva

(<http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/hermeneutica/article/view/905/707>)

O presente artigo discorre acerca da origem e do processo pelo qual se desenvolveu no cristianismo a crença do limbo, mais especificamente no corpo de crenças da teologia católica. A fim de que seja estabelecida uma compreensão correta da concepção de um lugar/estado intermediário, os autores apontam convergências/divergências entre limbo e purgatório.

Considerando as contribuições do historiador Jacques Le Goff, percebe-se que o domínio da geografia do além implicou uma mudança que afetou bem mais que a cosmovisão do plano social. Ela alterou a postura do indivíduo em virtude da nova realidade pós-vida. Assim, diferindo do purgatório, o limbo pressupõe um estágio intermediário dedicado a um público específico que se distingue dos salvos e dos eternamente perdidos.



“Hacia una interpretación de los 1260 días de Apocalipsis”

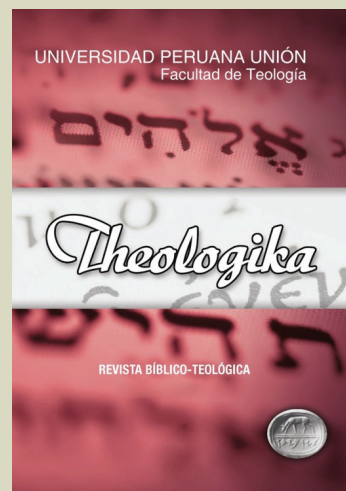
Revista Theologika, v. 33, nº 1, 2018, p. 136-170

Jon Paulien

(https://revistas.upeu.edu.pe/index.php/r_theologika/article/view/1050/Paulien-Theologika-2018-1)

Desde seu início, os adventistas adotaram em sua compreensão das profecias o princípio “dia-ano”, no qual os períodos de tempo incomuns de Daniel e Apocalipse são tratados nos termos em que “um dia profético equivale a um ano”.

Este artigo discute os desafios exegéticos que enfrenta a interpretação historicista do período dos 1260 dias (Ap 11:3; 12:6), 42 meses (Ap 11:2; 13:5) ou “tempo, tempos e metade de um tempo” (Ap 12:14). O autor faz uma exegese dos textos que mencionam o período e delinea sua teologia. Isso permite concluir que a posição historicista dos 1260 dias é, em essência, exegeticamente defensável, ao mesmo tempo que sugere áreas de estudo adicional sobre o assunto.



O BOM PASTOR

Ellen White

Na parábola da ovelha perdida, o pastor sai em busca de uma ovelha, o mínimo que se pode numerar. Descobrimo que falta uma de suas ovelhas, não olha descuidadamente sobre o rebanho que se acha a salvo, no abrigo, dizendo: Tenho noventa e nove, e me será muito penoso ir em procura da extraviada. Que ela volte, e então lhe abrirei a porta do redil, e deixá-la-ei entrar. Não! Assim que a ovelha se desgarrar, o pastor enche-se de pesar e ansiedade. Deixando as noventa e nove no aprisco, sai em busca da extraviada. Embora a noite seja escura e tempestuosa, os caminhos perigosos e incertos, a busca longa e fastidiosa, ele não vacila enquanto a perdida não é encontrada.

Com que sentimento de alívio ele escuta ao longe o primeiro e débil balido da ovelha! Seguindo o som, sobe às mais íngremes alturas. Chega mesmo à borda do precipício, com risco da própria vida. Assim ele busca, enquanto o balido, cada vez mais débil, mostra-lhe que sua ovelhinha está prestes a morrer.

E ao achar a perdida, acaso ele lhe ordena que o siga? Ameaça-a, porventura, ou a espanca, ou a vai tangendo adiante de si, pensando nos incômodos e ansiedades que sofreu por ela? Não! Ele põe aos ombros a exausta ovelha e, cheio de feliz reconhecimento por sua busca não ter sido em vão, volta ao redil. Sua gratidão se expressa em hinos de regozijo. “E, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida” (Lc 15:6).

Assim, quando o pecador perdido é encontrado pelo bom Pastor, o Céu e a Terra se unem em regozijo e ações de graças. Pois “haverá maior júbilo no Céu por um pecador que se arrepende do que por

noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (Lc 15:7).

O grande Pastor tem subpastores, aos quais delega o cuidado das ovelhas e cordeiros. A primeira obra que Cristo confiou a Pedro, ao restabelecê-lo no ministério, foi a de apascentar os cordeiros (Jo 21:15). Essa era uma obra em que Pedro tivera pouca experiência.

Exigiria grande cuidado e ternura, muita paciência e perseverança. Essa obra o convidava a ministrar às crianças, aos jovens e novos na fé, a ensinar aos ignorantes, a abrir-lhes as Escrituras e a educá-los para a utilidade no serviço de Cristo. Até então, Pedro não tinha sido apto para isso, nem mesmo para compreender sua importância.

A pergunta feita por Cristo a Pedro era significativa. Mencionou apenas uma condição para o discipulado e o serviço. “Amas-Me?” (Jo 21:15-17). Eis o requisito essencial. Embora Pedro possuísse todos os outros, sem o amor de Cristo não poderia ser um fiel pastor do rebanho do Senhor. Conhecimentos, benevolência, eloquência, gratidão e zelo são todos auxiliares na boa obra; mas, sem o amor de Cristo no coração, a obra do ministro cristão se demonstrará um fracasso.

Pedro levou consigo por toda a vida a lição que Cristo lhe ensinou junto ao Mar da Galileia. Escrevendo às igrejas, guiado pelo Espírito Santo, ele disse: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor Se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória” (1Pe 5:2-4).

A ovelha que se desgarrou do redil é a mais impotente de todas as criaturas. Ela deve ser procurada; pois não pode encontrar o caminho para voltar. Assim acontece com a pessoa que tem vagueado longe de Deus; acha-se tão impotente como a ovelha perdida; e a não ser que o amor divino a venha salvar, não poderá nunca encontrar o caminho para Deus. Portanto, com que compaixão, com que sentimento, com que persistência o subpastor deve buscar pessoas perdidas! Quão voluntariamente ele deve abnegar-se, sofrer fadigas e privações! [...]

O verdadeiro pastor tem o espírito de esquecimento de si mesmo. Perde de vista o próprio eu, a fim de poder praticar as obras de Deus. Mediante a pregação da palavra e o ministério pessoal nos lares do povo, aprende a conhecer-lhes as necessidades, as dores, as provações; e cooperando com Aquele que sabe, por excelência, levar cuidados sobre Si, partilha de suas aflições, conforta-os nos infortúnios, alivia-lhes a fome da alma e conquista-lhes o coração para Deus. Nessa obra o pastor é auxiliado pelos anjos celestes, e ele mesmo é instruído e iluminado na verdade que o torna sábio para a salvação.

Em nossa obra o esforço individual conseguirá muito mais do que se possa calcular. É pela falta disso que pessoas estão perecendo. Uma pessoa é de valor infinito; seu preço é revelado pelo Calvário. Uma pessoa ganha para Cristo será o instrumento para atrair outras e haverá um resultado sempre crescente de bênçãos e salvação. **M**



Texto extraído de *Obreiros Evangélicos*, p. 181 a 184

LIDERANÇA SERVIL

Tempos atrás, deparei-me com o livro *Servant Leadership*, de Robert K. Greenleaf. Fiquei impressionado com sua definição de líder-servo. Confesso que, à primeira vista, esse conceito pode parecer contraditório: como alguém pode ser servo e líder ao mesmo tempo? Sem dúvida, a melhor resposta é encontrada no estilo de liderança servil de Jesus.

Cristo Se tornou exemplo de um novo estilo de liderança em Sua maneira de capacitar Seus discípulos para o ministério. Lucas 6:12 e 13 destaca que Ele passou uma noite inteira em oração e meditação antes de escolher os doze. O notável é que, aos olhos humanos, parece que o Oleiro divino escolheu um tipo de argila extremamente frágil e comum para formar Sua equipe de trabalho. No entanto, o Mestre não Se deixou guiar pelas aparências externas de sucesso, mas pelo grande potencial que viu na simplicidade humilde e disposta a aprender de Seus discípulos.

Após escolher doze discípulos, Jesus os convidou para passar tempo com Ele e compartilhar Seu ministério (Mc 3:14). Esse tempo deveria ser de relacionamento intenso e transformador. Um dos principais objetivos do empreendimento divino é fazer discípulos. Deus deseja usar pessoas para discipular outras. Jesus foi o método que Deus usou para transformar pessoas comuns em líderes dinâmicos para Sua igreja. Ele foi um líder de pessoas, não simplesmente um líder de projetos, planos e eventos. Investiu em Seus discípulos. Supriu suas necessidades. Comeu, planejou, trabalhou e viajou com eles. Jesus Se identificou com Sua equipe.

Segundo Greenleaf, o líder ideal é aquele cujos seguidores primeiramente o veem como servo. Seus seguidores têm prazer de se submeterem à sua autoridade para liderá-los, graças à abnegação e real interesse dele pelo bem-estar dos outros. Esses líderes nunca se sentem ameaçados. Eles sabem que o poder e a autoridade de sua posição não residem em demonstrações externas de grandeza, mas na capacidade de inspirar sua equipe.

Jesus não Se deixou guiar pelas aparências externas de sucesso, mas pelo grande potencial que viu na simplicidade humilde e disposta a aprender de Seus discípulos.

A liderança cristã deve ter por base o modelo de liderança servil que Jesus demonstrou. Modelo no qual o líder pergunta: “Como posso ajudar meus liderados?”, e não “O que meus liderados podem fazer por mim?” Este não é um modelo popular, pois exige humildade e sacrifício pessoal por parte do líder. Além disso, é improvável que esse modelo de liderança seja aclamado e bem-vindo como sendo o necessário para nossa época, porque estamos mais acostumados com a pompa e as demonstrações de grandeza.

No entanto, se você perguntar a qualquer membro da igreja de qual pastor ele mais se lembra pelo impacto que causou em sua vida, certamente não será o pastor que melhor pregava, nem aquele que promovia os melhores programas, mas o que trabalhou junto com sua equipe de líderes e lado a lado com os irmãos, dedicando-lhes tempo de qualidade no serviço altruísta.

Jesus não somente propôs esse modelo, Ele o viveu. “Em Sua vida e ensinamentos, Cristo deu perfeito exemplo de um ministério abnegado que tem sua origem em Deus. [...] ‘Ele faz nascer o Seu Sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos’ (Mt 5:45). Deus entregou ao Seu Filho esse ideal de ministério. A Jesus foi concedido ser o Líder da humanidade para que, por Seu exemplo, pudesse ensinar o que significa servir. Toda a Sua vida esteve sob a lei do serviço. Serviu a todos e a todos ajudou. Assim viveu a lei de Deus e, por Seu exemplo, mostrou como podemos obedecer-Lhe. [...]”

“O mundo está cheio de pessoas que necessitam de nosso ministério. Os pobres, os desamparados e os que não têm conhecimento estão por toda parte. Aqueles que tiveram comunhão com Cristo no cenáculo sairão para servir como Ele serviu” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 649, 651). **M**



WALTER STEGER
editor associado da
Ministério, edição em
espanhol

CPB livraria

CDs | DVDs
Livros | Bíblias
Guias de Estudo
Hinários | Revistas
Folhetos | Jogos
Brinquedos

**AMAZONAS
MANAUS**
SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288 / (92) 98113-0576

**BAHIA
CACHOEIRA**
FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300 / (75) 99239-8765

**BAHIA
SALVADOR**
NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543 / (71) 99407-0017

**CEARÁ
FORTALEZA**
CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779 / (85) 99911-0304

**DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA**
ASA NORTE
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 9/17/23 - Ed. Number One
(61) 3321-2021 / (61) 98235-0008

**GOIÁS
GOIÂNIA**
SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830

**MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE**
CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463

**MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE**
CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044 / (31) 99127-1392

**PARÁ
BELÉM**
MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130

**PARANÁ
CURITIBA**
CENTRO
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Loja 1
(41) 3323-9023 / (41) 99706-0009

**PERNAMBUCO
RECIFE**
SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941 / (81) 99623-0043

**RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO**
TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80 | Loja A
(21) 3872-7375

**RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE**
CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538

**SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO**
UNASP/EC
Rod. SP 332, km 160 | Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398 / (19) 98165-0008

**SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA**
PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070

**SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ**
CENTRO
Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**
MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**
PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28 | 5º Andar
(11) 3106-2659 / (11) 95975-0223

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**
VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021

**SÃO PAULO
TATUÍ**
LOJA DA FÁBRICA
Rod. Antonio Romano Schincariol - Km 106
(15) 3205-8905

**CONHEÇA AS LIVRARIAS DA CPB ESPALHADAS
POR TODO O BRASIL**